

MONITORIZAÇÃO AGROMETEOROLÓGICA E HIDROLÓGICA

30 de abril de 2026

Ano Hidrológico 2025/2026

**Relatório do Grupo de Trabalho de assessoria técnica à
Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos
Efeitos da Seca**

Índice

1. Nota Introdutória	6
2. Avaliação meteorológica	8
2.1. Temperatura.....	8
2.2. Precipitação.....	9
2.3. Situação de Seca Meteorológica	12
2.4. Evolução até ao final do mês	17
3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras	19
3.1. Situação de Seca Hidrológica	22
3.2. Disponibilidades hídricas <i>versus</i> necessidades	25
4. Águas Subterrâneas	28
4.1. Comparação com o mês anterior.....	28
4.2. Análise dos níveis piezométricos.....	28
4.3. Massas de água em situação crítica e em vigilância	33
4.3.1. Massas de água em situação crítica	34
4.3.2. Massas de água em vigilância	35
4.4. Apreciação geral.....	35
5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola	36
5.1. Análise dos dados hidrométricos	38
5.2. Planeamento de contingência.....	38
6. Agricultura e Pecuária	42
6.1. Sementeiras de cereais praganosos.....	42
6.2. Prados, pastagens e culturas forrageiras	43
6.3. Culturas de Primavera/Verão.....	43
6.4. Culturas arbóreas e arbustivas.....	44
6.5. Abeberamento dos animais	46
7. Outras Informações	47
7.1. Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	47
7.2. Abastecimento público	49
7.3. Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão	57

Índice de Figuras

Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de abril (período 1941 – 2026) (Fonte: IPMA)	8
Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de abril, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA).....	8
Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 30 de abril de 2026 em Portugal continental (Fonte: IPMA).....	9
Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de abril, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)	10
Figura 5 - Precipitação mensal acumulada nos anos hidrológicos 2023/24, 2022/23 e precipitação normal acumulada 1991-2020 (Fonte: IPMA)	11
Figura 6 - Percentagem de precipitação em relação ao valor médio 1991-2020 na região a norte e a sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela entre outubro 2025 e abril 2026 (Fonte: IPMA)	11
Figura 7 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em abril (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita) em relação à normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA).....	12
Figura 8 - Água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 31 de março e a 30 de abril. Variação entre solo totalmente seco (0) e solo saturado ou sobressaturado (SAT) (Fonte: IPMA)	13
Figura 9 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (médio concelho) a 31 de março e a 30 de abril (Fonte: IPMA)	15
Figura 10 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de abril 2026 (Fonte: IPMA).....	16
Figura 11 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de maio de 2026 (Fonte: IPMA)	17
Figura 12 - Situação das albufeiras em março (esquerda) e em abril (direita)	19
Figura 13 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 30 de abril de 2026 e de 2025 (Fonte: APA)	20
Figura 14 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2024 até 30 de abril de 2026, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)	22
Figura 15 - Níveis de seca hidrológica no mês de março (esquerda) e em abril de 2026 (direita) (Fonte: APA).....	23
Figura 16 - Nível de armazenamento em abril de 2026 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 30 de abril (Fonte: APA).....	25

Figura 17- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)	25
Figura 18 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura	26
Figura 19 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/03/2026)	26
Figura 20 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 30 de abril de 2026 e comparação com os valores de armazenamento observados a 30 de abril de 2025 (Fonte: APA).....	27
Figura 21 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre março (esquerda) e abril (direita) (Fonte: APA).....	28
Figura 22 - Metodologia de avaliação das massas de água em situação crítica e de vigilância (Fonte: APA).....	34
Figura 23 - Localização das albufeiras monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR)	36
Figura 24 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório.....	38
Figura 25 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório	39
Figura 26 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC).....	47
Figura 27 - Volume total armazenado (valores médios) a 30/04 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2023 e 2026 (Fonte: AdP)	49
Figura 28 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 30/04/2026 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).	51
Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 30/04/2026 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).	52
Figura 30- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 30/04/2026 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP)..	53
Figura 31 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão .	60

Índice de tabelas

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal	6
Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e fevereiro de 2026 (Fonte: IPMA)	14
Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em fevereiro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, http://sir.dgadr.gov.pt/reservas)	37
Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (24 de fevereiro de 2026), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)....	40
Tabela 5 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 28/02/2026 (Fonte: AdP)	49
Tabela 6 - Ponto de situação, a 28/02, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume total armazenado (hm ³ e %) (comparação entre 2023 e 2026) (Fonte: AdP).....	50
Tabela 7 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)	53
Tabela 8 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/03/2026 (Fonte: EDIA)	57
Tabela 9 - Volumes mensais transferidos (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/03/2026 (Fonte: EDIA)	58
Tabela 10 - Volumes totais elevados (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/01/2026 (Fonte: EDIA)	59

1. Nota Introdutória

O presente relatório foi elaborado com o objetivo de assegurar uma Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, para que fique reunida a informação suficiente para avaliação das disponibilidades hídricas em Portugal Continental.

Esta monitorização consta da compilação dos parâmetros acompanhados pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA), pelo Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), em ligação com as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) e com Instituto Nacional de Estatística (INE), pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), pela Autoridade Nacional Emergência Proteção Civil (ANEPC), pela Águas de Portugal (AdP) e ainda com a informação disponibilizada pela Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), Tabela 1.

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal

Parâmetro	Organismo	Periodicidade
Precipitação, Teor de Água no Solo, Temperatura do ar e Previsões meteorológicas (temperatura e precipitação)	IPMA	Mensal
Agricultura de Sequeiro e Pecuária Extensiva	GPP/DRAP/INE	Mensal
Armazenamento de Água Subterrânea	APA	Mensal
Armazenamento de Água Superficial (albufeiras)	APA	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras dos Aproveitamentos Hidroagrícolas Grupo 2 e algumas do Grupo 3	DGADR	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras utilizadas para produção de água para abastecimento público	AdP	Mensal
Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	ANEPC	Mensal
Transferências do sistema Alqueva-Pedrogão	EDIA	Mensal

A presente abordagem está prevista no Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca, aprovado pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca (CPPMAES), criada pela Resolução de Conselho de Ministros nº 80/2017, de 7 de junho.

Este diploma criou também um Grupo de Trabalho com o objetivo de assessorar tecnicamente a Comissão, que tem, de entre outras, a função de:

“Produzir relatórios mensais de monitorização dos fatores meteorológicos e humidade do solo, das atividades agrícolas e dos recursos hídricos, cuja periodicidade deve ser intensificada

quando seja detetada uma situação de anomalia ou declarada uma situação de seca, sendo que nestas situações os relatórios passam também a incluir as estimativas de consumo ou utilização pelas principais atividades, nomeadamente o abastecimento público, a agricultura, a produção de energia e a indústria com maiores consumos de água.”

Nos relatórios poderão ser sempre incluídos temas que seja oportuno dar a conhecer, sejam de caracterização das condições, sejam de divulgação de recomendações ou de decisões técnicas e políticas assumidas.

Essas vertentes enquadrar-se-ão no referido Plano, que, apresentando-se estruturado em três eixos de atuação - Prevenção, Monitorização e Contingência - contempla temas como a determinação de limiares de alerta, a definição de metodologias para avaliação do impacto dos efeitos de uma seca, a conceção de manuais de procedimentos para padronização da atuação, a disponibilização de planos de contingência e a preparação prévia de medidas para mitigação de efeitos da seca.

Este relatório de monitorização agrometeorológica e hidrológica, relativo a 30 de abril de 2026, é o centésimo décimo quarto produzido no contexto legislativo referido e o sétimo do ano hidrológico em curso (2025/2026).

2. Avaliação meteorológica

2.1. Temperatura

O mês de abril de 2026 em Portugal continental classificou-se como muito quente em relação à temperatura do ar e muito seco em relação à precipitação, Figura 1.

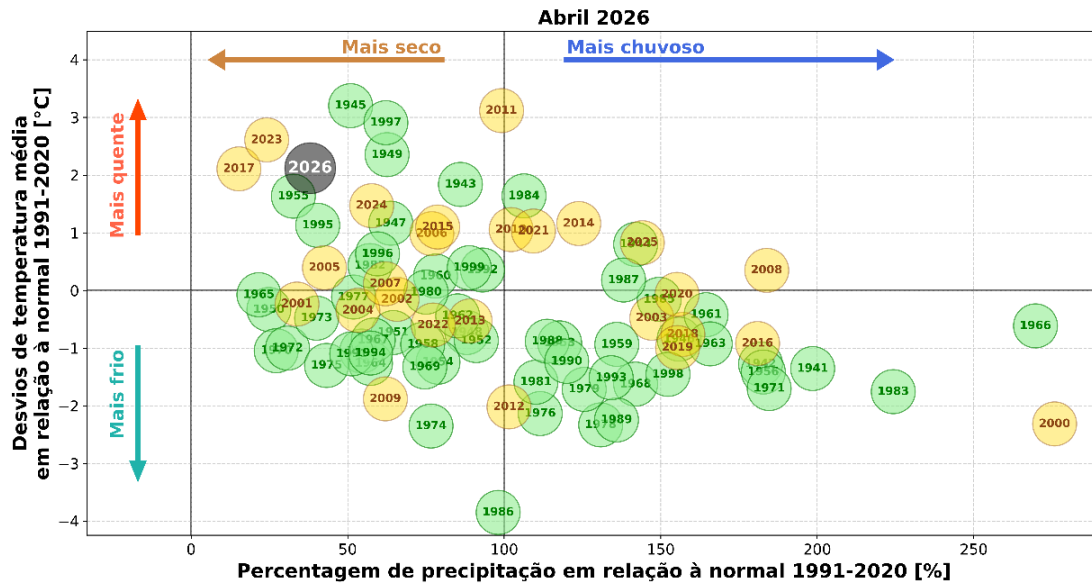


Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de abril (período 1941 – 2026) (Fonte: IPMA)

O mês de abril em Portugal continental foi o 6º mais quente desde 1931 (mais quente: 1945, 17.19 °C). O valor médio da temperatura média do ar, 16.10 °C, registou um desvio de +2.12 °C em relação à normal 1991-2020, Figura 2.

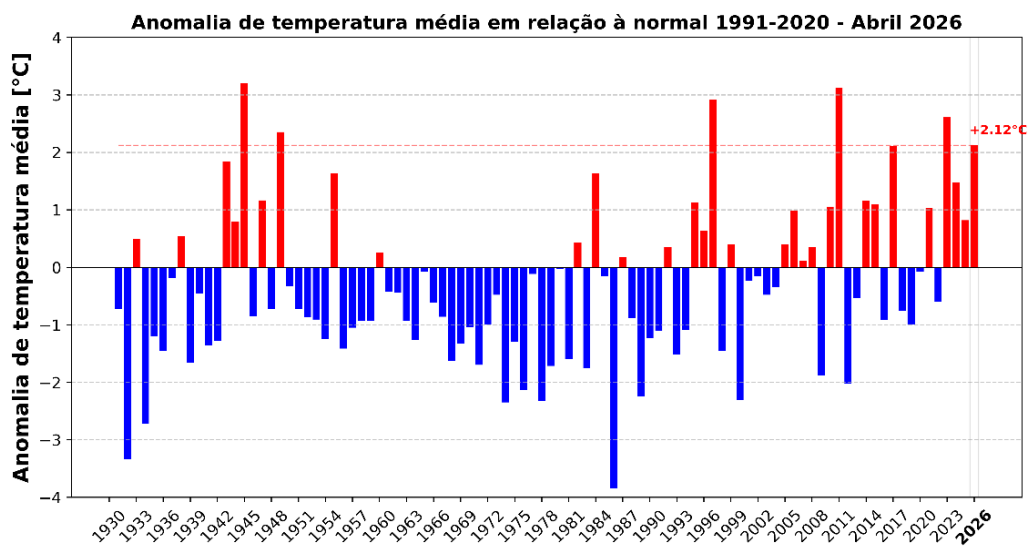


Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de abril, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

O valor médio da temperatura máxima do ar, 22.59 °C, foi o 6º valor mais alto desde 1931 (mais alto em 2023, 23.77 °C), com uma anomalia positiva de 3.29 °C.

O valor médio da temperatura mínima do ar, 9.60 °C, +0.95 °C acima do valor médio, foi o 13º valor mais alto desde 1931 e o 5º desde 2000 (mais alto em 1945, 11.18 °C).

O mês de abril caracterizou-se por valores diários da temperatura média do ar predominantemente acima do valor médio mensal, com exceção dos períodos 7 a 8 e 11 a 13. Os desvios mais significativos registaram-se nos valores da temperatura máxima do ar Figura 3. Registaram-se duas ondas de calor: a primeira, de 15 a 21, em 40% das estações, abrangendo o interior Norte e Centro, o vale do Tejo e o interior do Alentejo; a segunda, de 23 a 28, foi muito mais localizada, ocorrendo apenas em Montalegre, Cabril e Nelas.

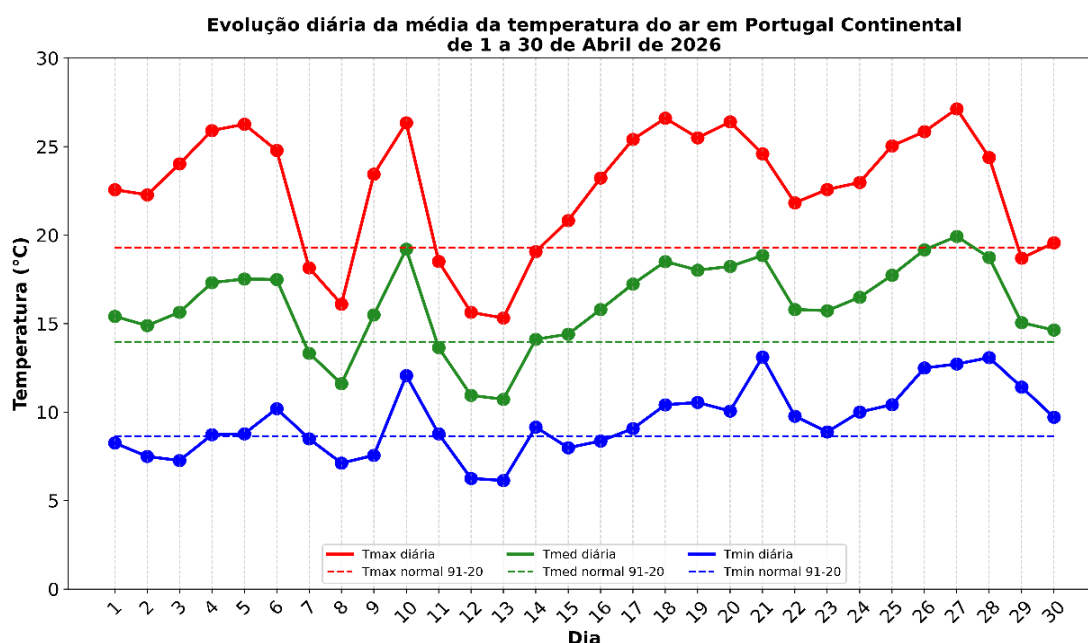


Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 30 de abril de 2026 em Portugal continental (Fonte: IPMA)

2.2. Precipitação

No mês de abril de 2026 o total de precipitação mensal, 28.8 mm (Figura 4) foi muito inferior ao valor médio 1991-2020 (-46.7 mm), sendo o 10º mais seco desde 1931 e o 4º mais seco desde 2000 (mais seco em 2017, 11.5 mm).

Durante este mês, verificou-se a ocorrência de precipitação, não muito significativa, em 3 períodos do mês: 6 a 8 em todo o território devido à passagem de sistemas frontais e linhas de instabilidade

associadas que causaram precipitação por vezes forte, em regime de aguaceiros e acompanhados de trovoada; 13 a 15 no litoral Norte e Centro como resultado de novas passagens de superfícies frontais; 26 a 29 no interior Norte e Centro com ocorrência de aguaceiros e trovoadas.

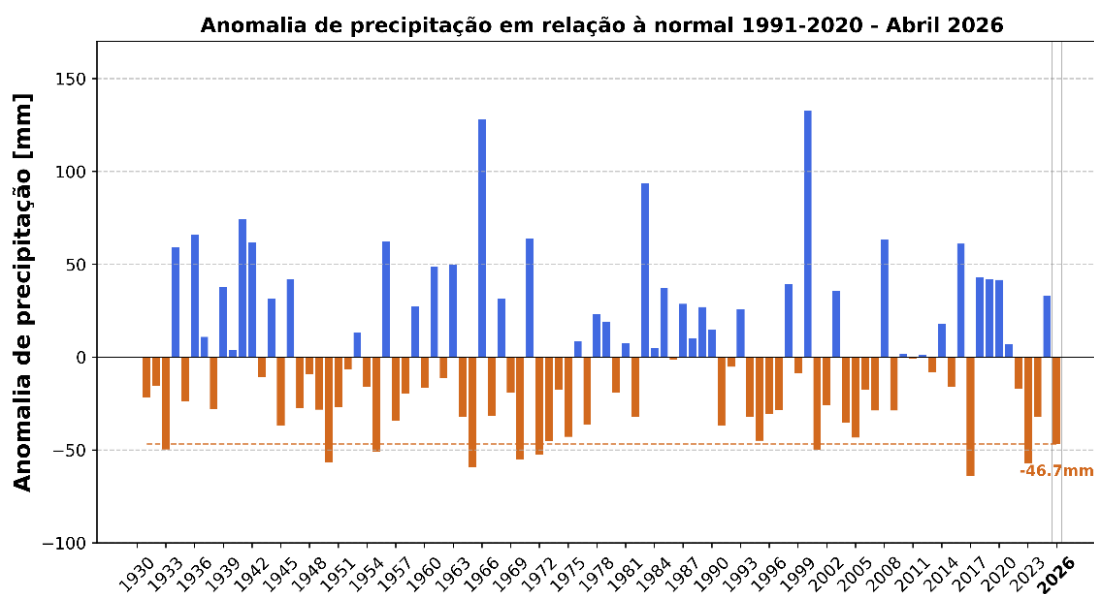


Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de abril, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

Em termos de distribuição espacial, os valores de precipitação em abril foram inferiores ao valor normal 1991-2020 em quase todo o território, exceto nalguns concelhos do distrito de Guarda. Desta forma, em grande parte do território choveu menos de metade do que é normal para abril e em muitos concelhos dos distritos de Aveiro, Lisboa, Évora, Setúbal, Beja e Faro choveu apenas ¼ do que é normal para o mês, Figura 6.

O maior valor mensal da quantidade de precipitação em abril de 2026 (valor médio concelho) foi registado no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, 116.1 mm e o menor valor no concelho de Olhão, 2.8 mm. O valor mais elevado de percentagem de precipitação em abril, em relação ao valor médio, 200%, verificou-se no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo e o valor mais baixo, 7%, no concelho de Olhão.

O valor da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico 2025/2026, até final de março, 994.7 mm (Figura 5), corresponde a 148% do valor normal 1991-2020. Considerando o período de 1 outubro a 30 abril, este ano hidrológico é o 16º mais chuvoso desde 1931 e o 2º mais chuvoso desde 2000, depois de 2001 (1202.5 mm).

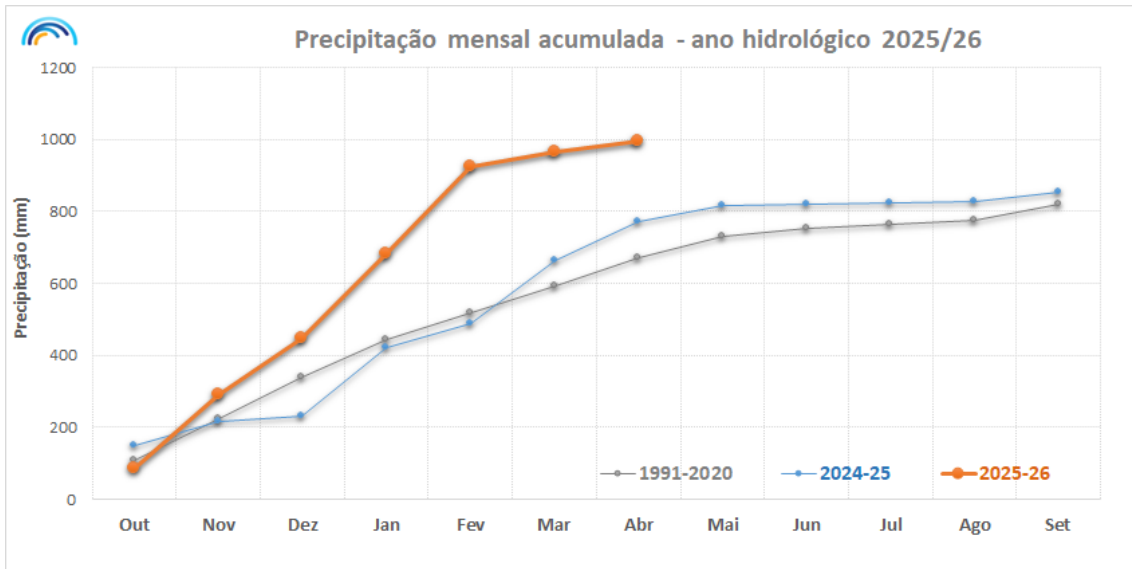


Figura 5 - Precipitação mensal acumulada nos anos hidrológicos 2023/24, 2022/23 e precipitação normal acumulada 1991-2020 (Fonte: IPMA)

Na Figura 6, apresentam-se os valores de percentagem da precipitação na região a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e a Sul do mesmo sistema.

Depois de um inverno com valores de precipitação mensal acima do valor normal 1991-2020, verifica-se um início de primavera com valores inferiores ao normal. Neste mês de abril a região Norte registou um total mensal de cerca de metade do valor médio de abril, enquanto a região Sul registou apenas 1/3 do que é normal chover neste mês.

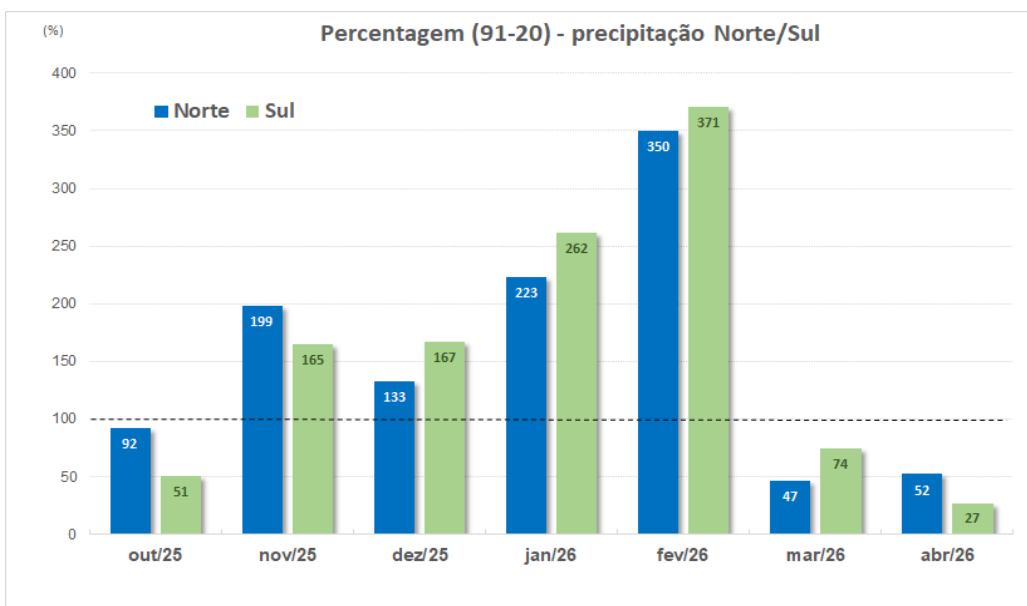


Figura 6 - Percentagem de precipitação em relação ao valor médio 1991-2020 na região a norte e a sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela entre outubro 2025 e abril 2026 (Fonte: IPMA)

Em termos espaciais, os valores da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico 2025/2026 são superiores ao normal em todo o território, com totais acumulados de 1.5 a 2 vezes o valor médio, em muito concelhos do interior Norte, grande parte do Centro, Litoral Sul e Barlavento Algarvio (Figura 7 direita).

O valor mais elevado de percentagem de precipitação no ano hidrológico, em relação ao valor médio, 207%, verificou-se no concelho de Valença do Minho e o valor mais baixo, 97%, no concelho de Idanha-a-Nova.

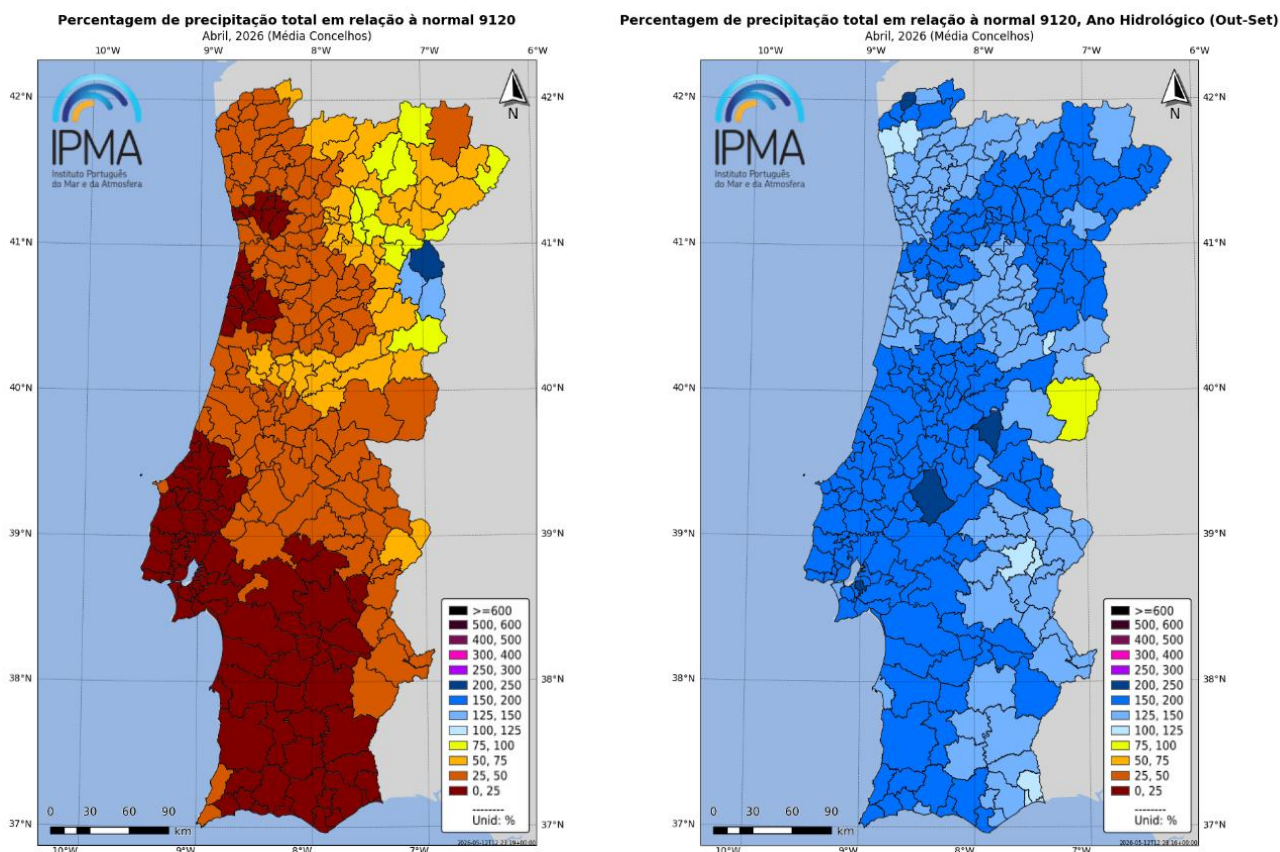


Figura 7 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em abril (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita) em relação à normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA)

2.3. Situação de Seca Meteorológica

Índice de Água no Solo (SMI)

Na Figura 8, apresenta-se o produto água no solo (AS) a 31 de março e a 30 de abril de 2026.

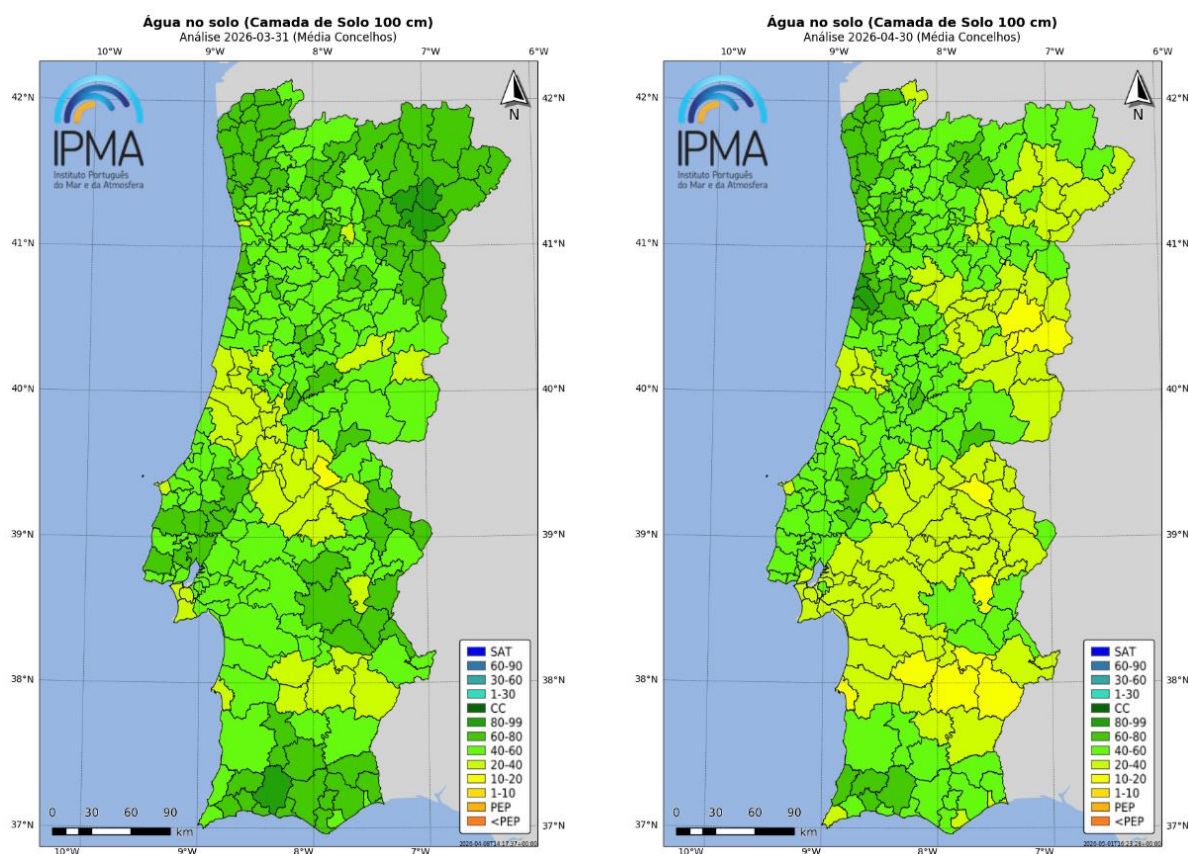


Figura 8 - Água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 31 de março e a 30 de abril. Variação entre solo totalmente seco (0) e solo saturado ou sobressaturado (SAT) (Fonte: IPMA)

A 30 de abril verificou-se uma diminuição significativa dos valores de água no solo como consequência de um mês de abril muito seco e muito quente. No final do mês registam-se valores inferiores a 60% em quase todo o território, sendo mesmo inferiores a 40% em muitos concelhos dos distritos do interior Norte e Centro e na região Sul (exceto no distrito de Faro).

Esta evolução está associada à reduzida precipitação registada em abril, mês em que, na maioria das estações meteorológicas, os totais mensais ficaram abaixo do valor normal climatológico. Assim, verificou-se uma diminuição gradual da disponibilidade de água no solo e uma redução do excesso de humidade acumulado durante o inverno.

Índice de Seca - PDSI

De acordo com o índice PDSI¹, no final de abril verifica-se um enfraquecimento significativo das condições húmidas. A classe chuva fraca passou a predominar na maioria do território, enquanto a classe de chuva moderada ficou mais restrita à região interior Centro. Simultaneamente, surgem já algumas áreas em situação normal, sobretudo no interior Centro e em partes do Sul.

Na Tabela 2, apresenta-se a percentagem, mensal, do território Continental nas várias classes do índice PDSI, entre outubro 2025 e abril 2026. Na Figura 9 apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológico PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 31 de março e a 30 de abril de 2026.

Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e abril de 2026

(Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Out 2025 (%)	30 Nov 2025 (%)	31 Dez 2025 (%)	31 Jan 2026 (%)	28 Fev 2026 (%)	31 Mar 2026 (%)	30 Abr 2026 (%)
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	8.3	75.1	0.0	0.0
Chuva severa	0.0	0.0	4.4	61.7	24.5	47.6	0.0
Chuva moderada	0.0	12.0	23.5	29.0	0.4	50.8	6.5
Chuva fraca	1.2	37.7	45.7	1.0	0.0	1.6	89.0
Normal	32.4	29.7	26.4	0.0	0.0	0.0	4.5
Seca Fraca	31.8	20.6	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Moderada	27.9	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Severa	6.7	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

A Figura 9, apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológico PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 31 de março 2025 e a 30 de abril de 2026.

¹ **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).

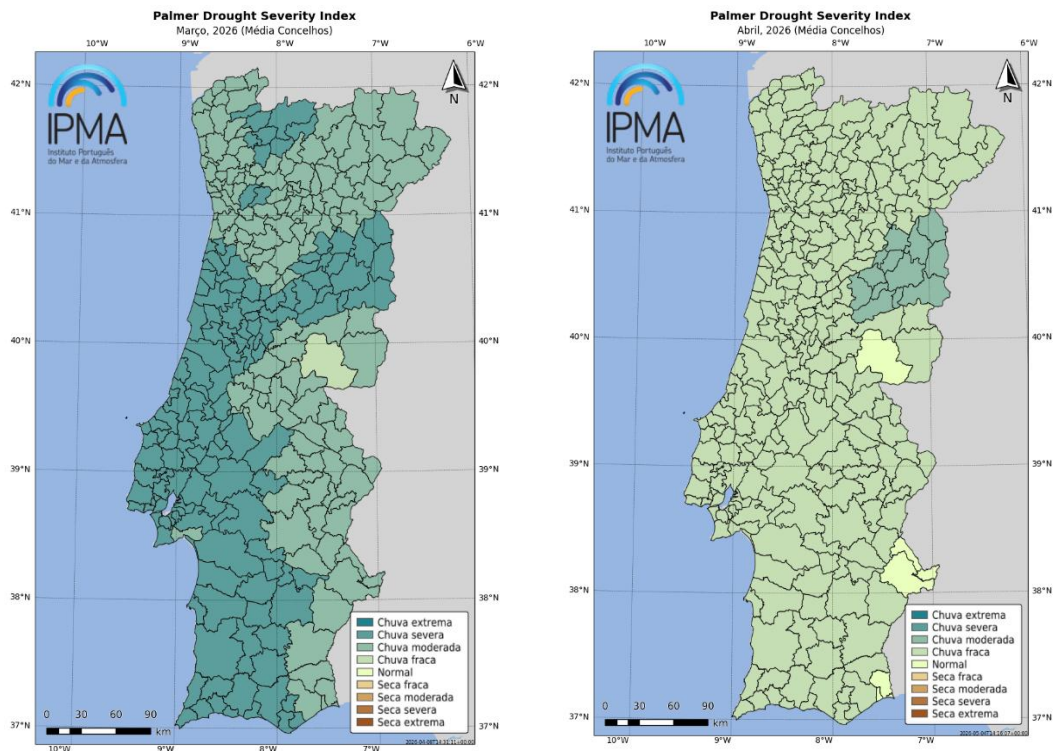


Figura 9 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (médio concelho) a 31 de março e a 30 de abril (Fonte: IPMA)

Índice de seca SPI

O índice SPI (Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais², que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água. Na

Figura 10, apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de abril para as principais bacias hidrologicas do território (valor médio por bacia).

Devido à precipitação ocorrida nos meses de inverno, nenhuma bacia se encontra nas classes de seca no final de abril, tanto nas escalas mais curtas como nas mais longas, no entanto, como o mês de abril foi mais seco do que média, verificou-se uma diminuição da intensidade das classes de chuva no SPI 3 meses.

² As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrologica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

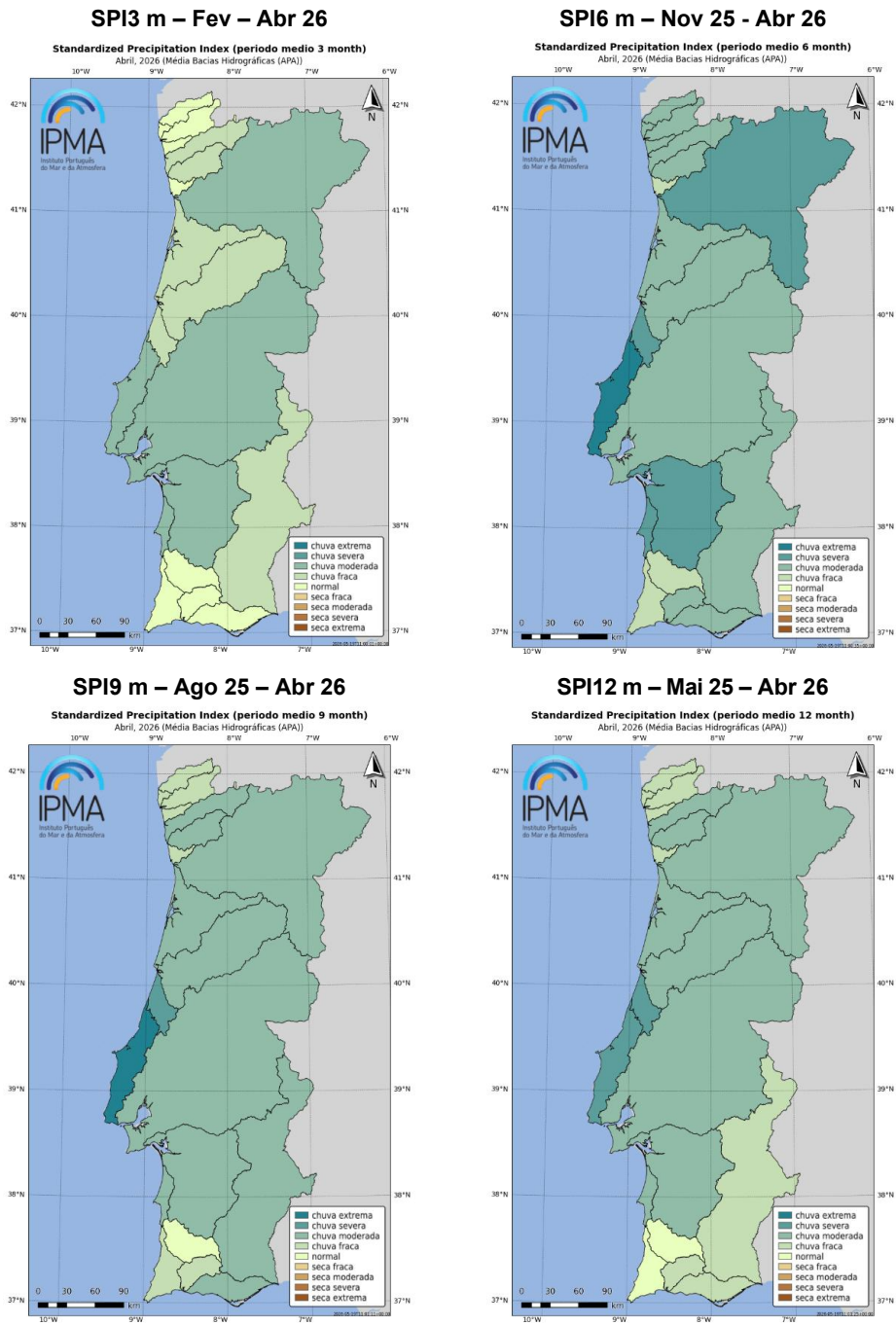


Figura 10 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de abril 2026
(Fonte: IPMA)

2.4. Evolução até ao final do mês

A evolução da situação de seca para o mês seguinte baseia-se na estimativa do índice PDSI, para cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação. Assim, tendo em conta a situação no final de abril, consideram-se os seguintes cenários para a precipitação em maio (Figura 11):

Cenário 1 (2º decil – D2) - Valores da quantidade de precipitação inferiores ao normal (valores inferiores ocorrem em 20% dos anos): surgimento da seca meteorológica fraca em grande parte dos concelhos a sul do distrito de Leiria.

Cenário 2 (5º decil – D5) – Valores da quantidade de precipitação próximos do normal: situação idêntica a 30 de abril, sem seca meteorológica, mas com diminuição da área na classe de chuva fraca na região Sul.

Cenário 3 (8º decil – D8) – Valores da quantidade de precipitação superiores ao normal (valores superiores ocorrem em 20% dos anos): sem seca meteorológica em todo o território com agravamento das classes de chuva.

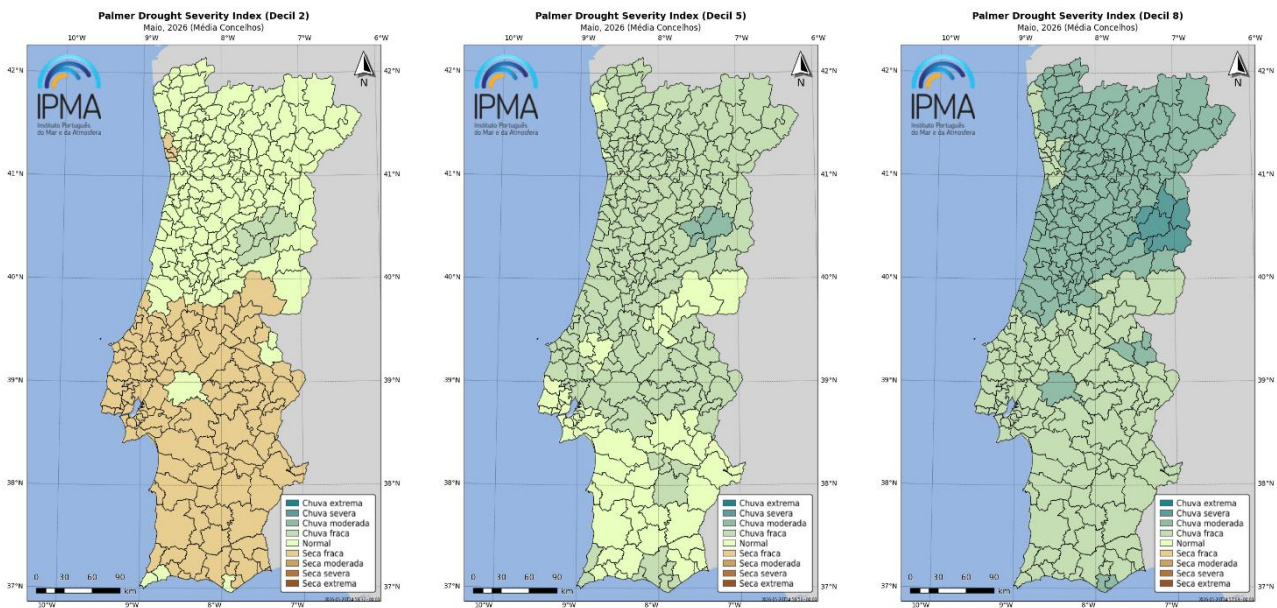


Figura 11 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de maio de 2026 (Fonte: IPMA)

Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)³:

Segundo a previsão a médio e longo prazo⁴, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 18/05 a 24/05** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal (-30 a -1 mm) para todo o território, sendo mais acentuada na região Norte (entre -30 mm e -10 mm).
- **Semana 25/05 a 31/05** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal (-30 a -1 mm) para todo o território.

Tendo em a precipitação ocorrida nos primeiros 15 dias de maio e a previsão para os próximos 15 dias, com valores de precipitação inferiores ao normal, é expectável que no final de maio haja uma diminuição das classes de chuva e um aumento da classe normal, podendo também surgir nalguns concelhos da região Sul a classe de seca fraca.

³ <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

⁴ *De referir que as previsões meteorológicas de médio e longo prazo assumem um carácter probabilístico, não podendo, por isso, ser admitidas com elevado grau de rigor determinístico e devendo ser continuamente revistas.*

3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 30 de abril de 2026, comparativamente ao último dia do mês anterior, registou-se uma descida em onze bacias hidrográficas, uma subida em uma bacia e três bacias mantiveram, Figura 12.

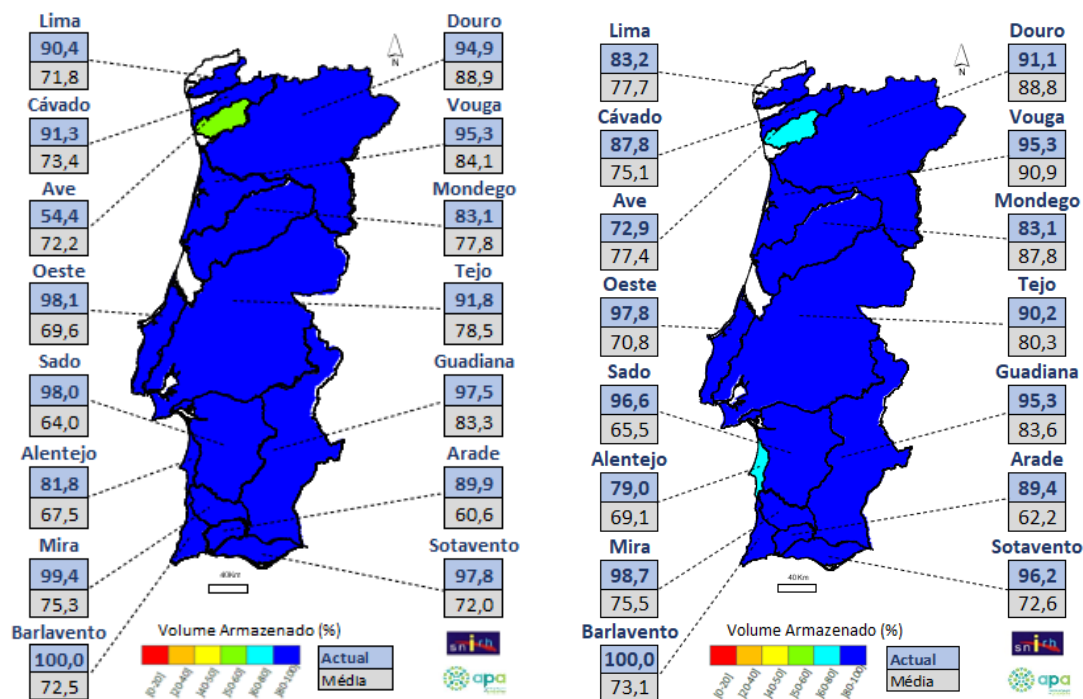


Figura 12 - Situação das albufeiras em março (esquerda) e em abril (direita)

(Fonte: APA)

Os armazenamentos em 30 de abril de 2026 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de abril (1990/91 a 2023/24), com exceção das bacias hidrográficas do Ave e do Mondego.

Na Figura 13 é possível observar que as bacias hidrográficas do Lima, Cávado, Ave, Douro, Mondego, Tejo e Guadiana estão abaixo dos valores observados em abril de 2025, enquanto as restantes bacias se encontram acima ou com o mesmo volume armazenado.

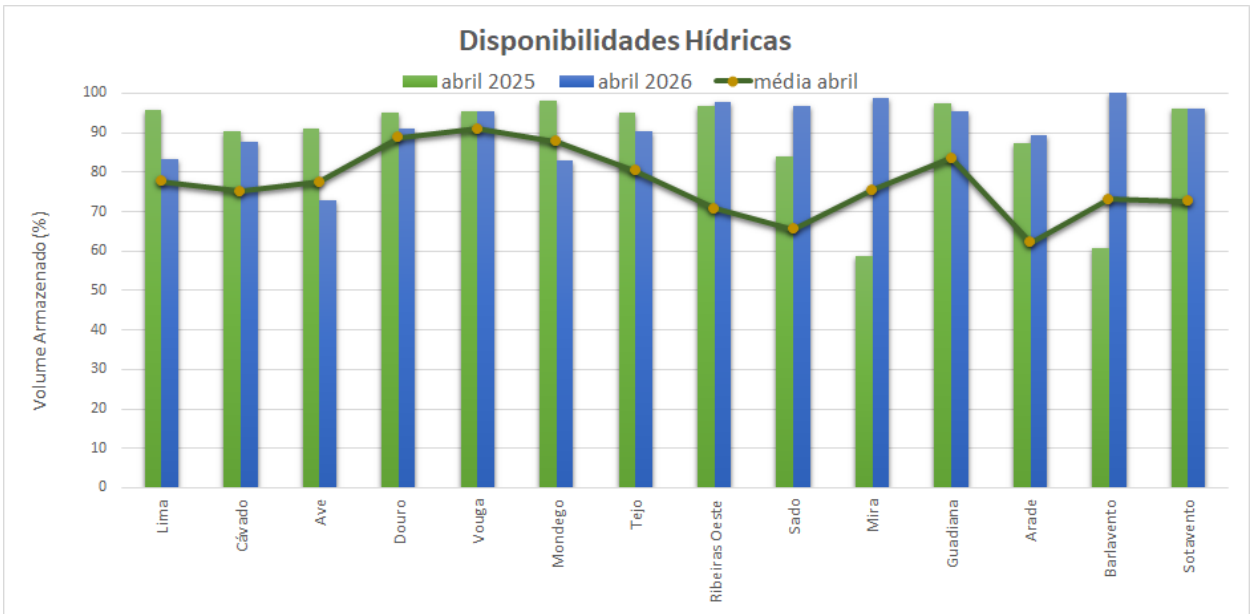
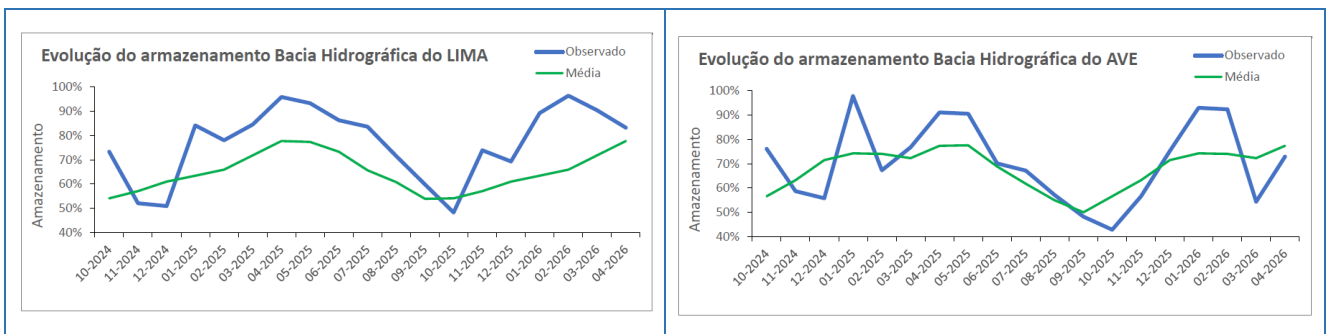
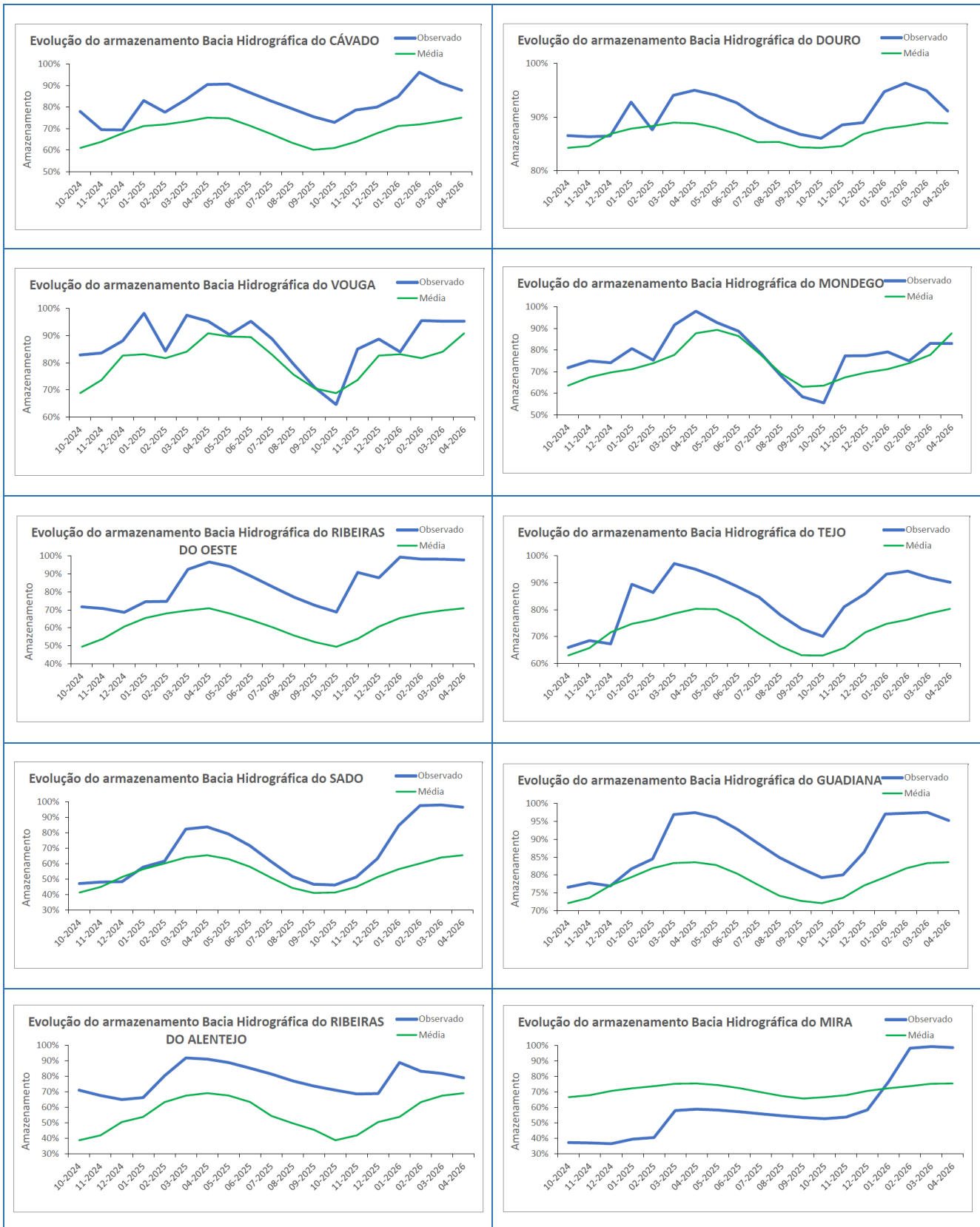


Figura 13 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 30 de abril de 2026 e de 2025 (Fonte: APA)

Das 78 albufeiras monitorizadas em 30 de abril de 2026, 70 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e não há nenhuma albufeira que apresente disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total.

Na Figura 14 é possível observar a evolução do volume armazenado por bacia hidrográfica desde outubro de 2024 até 30 de abril de 2026. Após os episódios de precipitação registados no início de 2026, não se verificaram, nos últimos meses, ocorrências de precipitação significativa à escala nacional. Ainda assim, os volumes armazenados mantêm-se globalmente em níveis adequados, refletindo uma situação de normalidade hidrológica para a época do ano. Neste contexto, as barragens inseridas nas principais bacias hidrográficas encontram-se a efetuar a gestão regular dos recursos hídricos, em linha com as necessidades sazonais e com os padrões habituais de exploração.





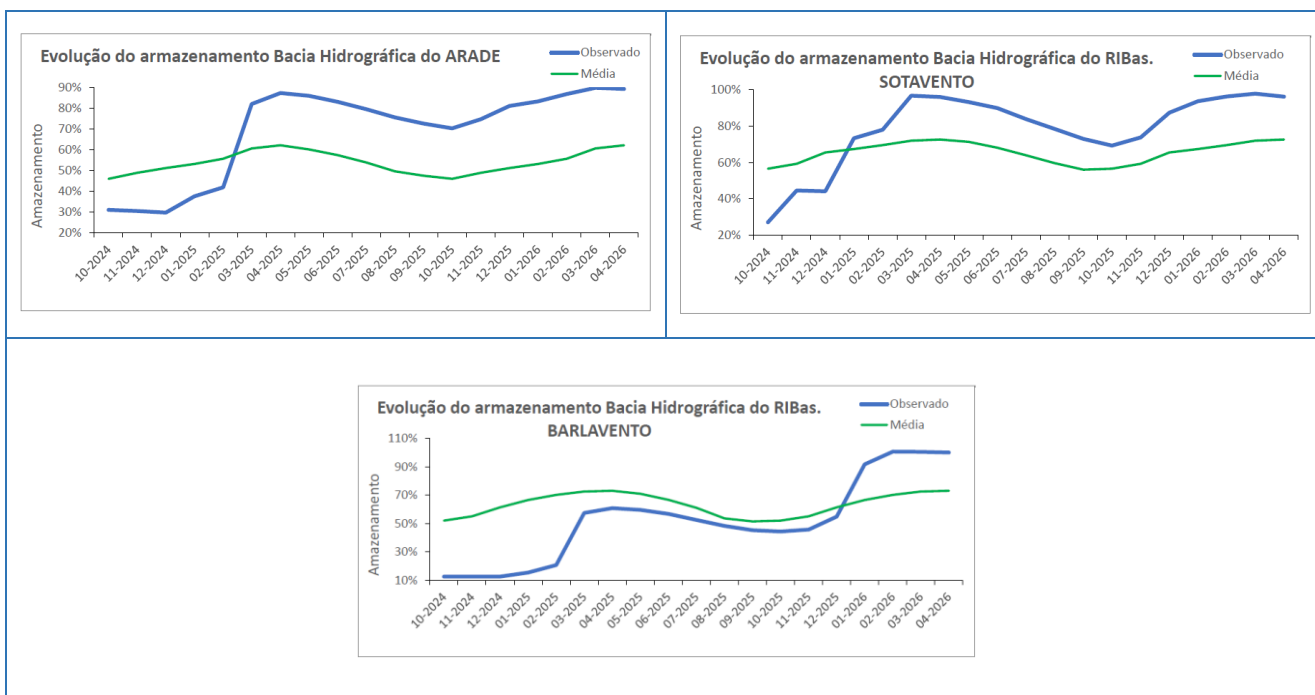


Figura 14 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2024 até 30 de abril de 2026, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)

Pela relevância que assume na gestão dos recursos hídricos em Portugal, no que se refere às disponibilidades hídricas a 30 de abril de 2026 armazenadas nas albufeiras na parte espanhola das bacias hidrográficas são:

- Bacias hidrográficas do **Minho e Lima Espanha** – 87,2% (em fevereiro era de 88,2%);
- Bacia hidrográfica do **Douro Espanha** – 87,4% (em fevereiro era de 87,0%);
- Bacia hidrográfica do **Tejo Espanha** – 79,2% (em fevereiro era de 80,8%);
- Bacia hidrográfica do **Guadiana Espanha** – 86,1% (em fevereiro era de 86,7%).

Os volumes totais armazenados nas bacias hidrográficas espanholas diminuíram, com exceção da bacia do Douro.

3.1. Situação de Seca Hidrológica

De acordo com o índice de seca hidrológica referente a 30 de abril de 2026, verifica-se que todas as bacias hidrográficas do território continental apresentam condições húmidas, com exceção das bacias do Lima, do Ave e do Mondego, decorrente da gestão da capacidade de encaixe de eventuais picos de afluências, Figura 15.

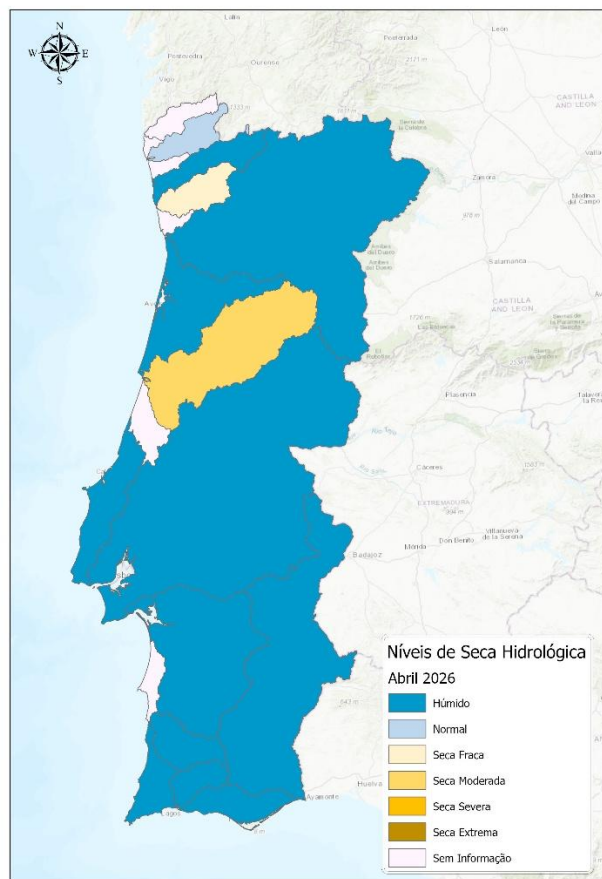
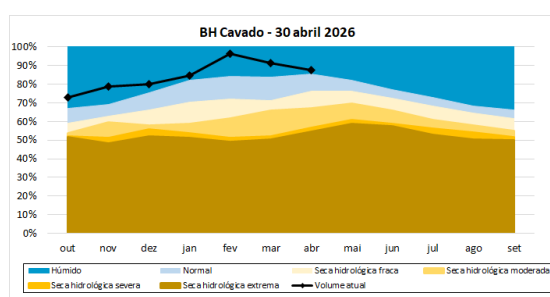
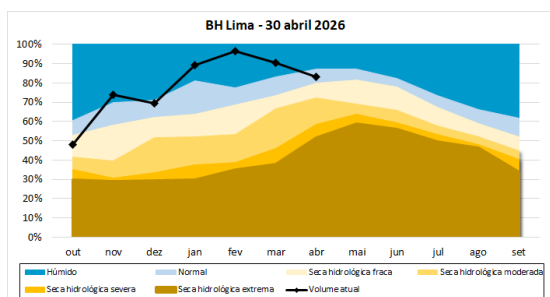
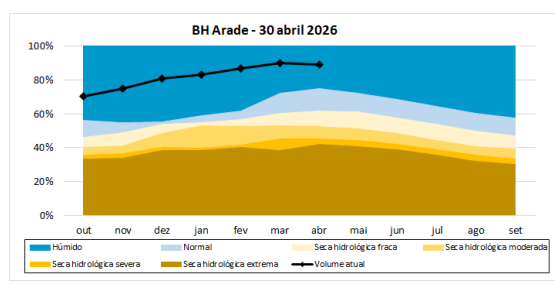
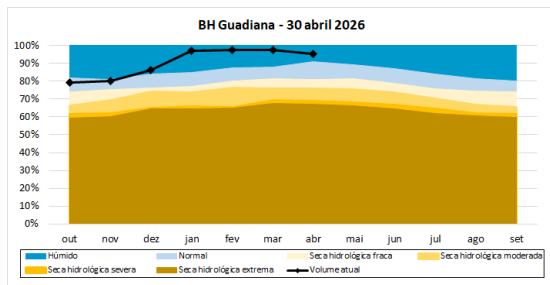
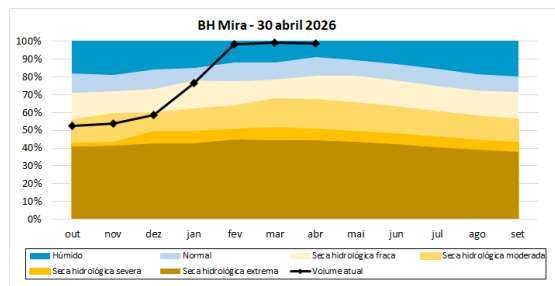
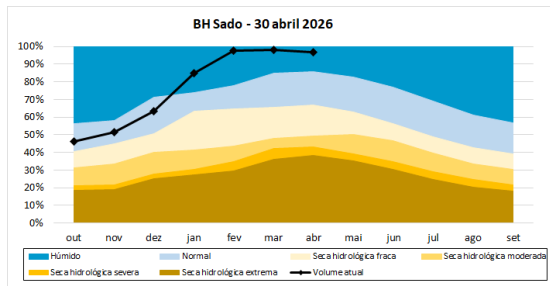
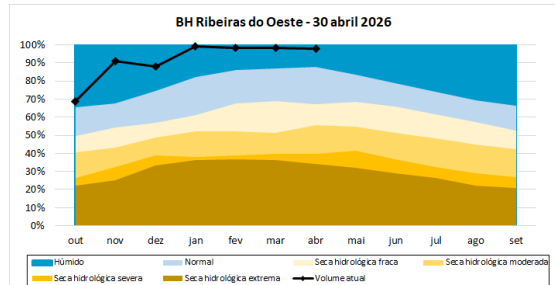
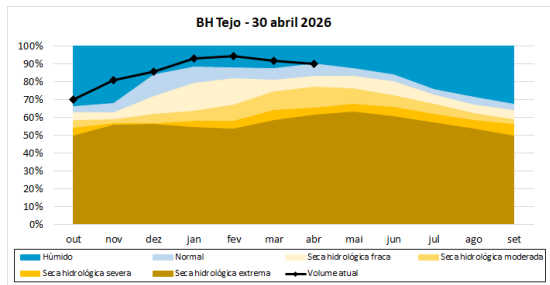
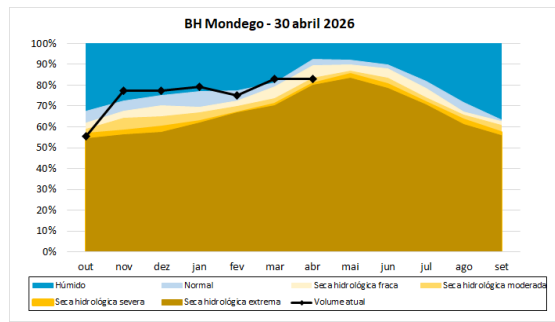
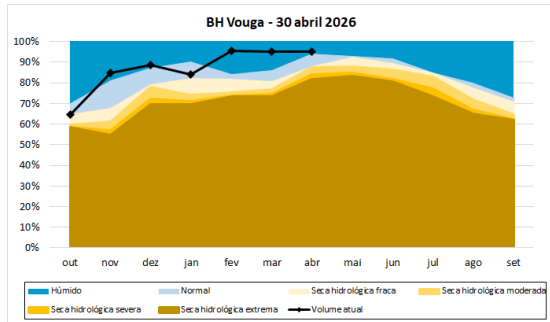
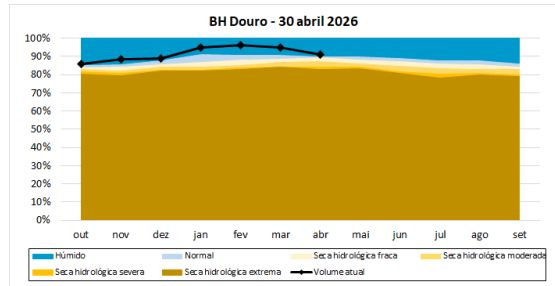
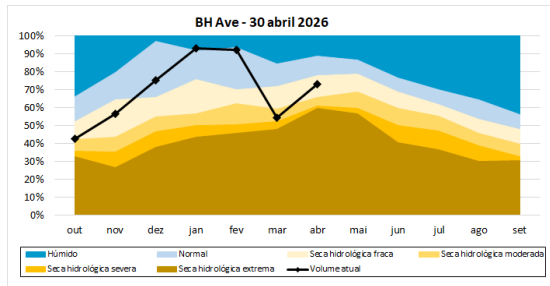


Figura 15 - Níveis de seca hidrológica no mês de março (esquerda) e em abril de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Na avaliação da evolução do nível de seca hidrológica desde o início do ano hidrológico de 2025/26, observa-se que os volumes armazenados correspondem à classe “Húmido”, com exceção das bacias do **Lima** que desceu para a classe “normalidade”; do **Ave** que aumentou para a classe de “seca fraca” e do **Mondego** que desceu para a classe de “seca moderada”, Figura 16.





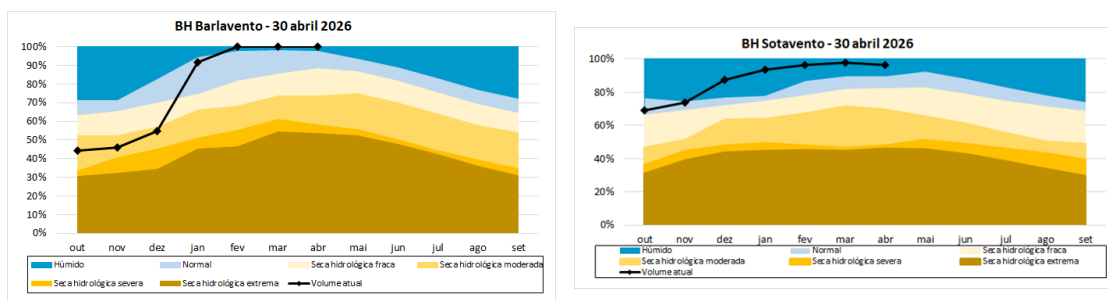


Figura 16 - Nível de armazenamento em abril de 2026 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 30 de abril (Fonte: APA)

3.2. Disponibilidades hídricas versus necessidades

Na albufeira do **Monte da Rocha**, na bacia do Sado e sem ligação ao Alqueva, os volumes armazenados são superiores à média, e permitem garantir o abastecimento público nos próximos dois anos, no total de 3 000 dam³. Na Figura 17 observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1990/91 a 2024/25, que ilustra bem a evolução significativa dos volumes armazenados, face aos últimos 10 anos. A albufeira apresenta um volume de armazenamento total de 100 659 dam³. Considerando que o volume morto é de 5 000 dam³ o volume útil disponível a 30 de abril é de 95 659 dam³. O volume armazenado vai permitir garantir os usos existentes, dois anos de abastecimento público e o consumo agrícola da ordem dos 17 000 dam³, devendo-se, no entanto, continuar a promover uma utilização sustentável dos recursos, diminuindo as perdas e adaptando as culturas.

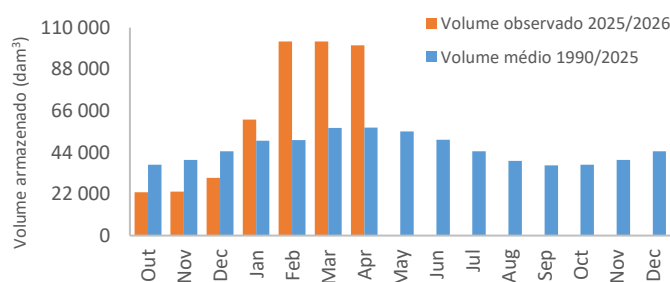


Figura 17- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)

A albufeira da **Bravura** na bacia das Ribeiras do Algarve (Barlavento), registou uma recuperação muito significativa em resultado das intensas precipitações verificadas em janeiro e fevereiro. Na Figura 18, observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1959/60 a 2024/25. A albufeira apresenta um volume total de armazenamento de 34 855 dam³, considerando que o volume morto é de 2 500 dam³, o volume útil disponível a 30 de abril é de

32 355 dam³. O volume armazenado vai permitir garantir os usos existentes, dois anos de abastecimento público cerca de 7 300 dam³ e o consumo agrícola, golfe e turismo na ordem dos 3 500 dam³, devendo-se, no entanto, continuar a promover uma utilização sustentável dos recursos, diminuindo as perdas e adaptando as culturas, continuando a incrementar o uso de ApR, nomeadamente na rega de campos de golfe e jardins.

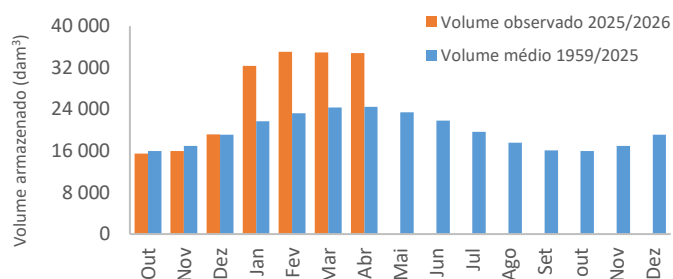


Figura 18 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura (Fonte: APA).

Desde março de 2025, a albufeira de Santa Clara, localizada na bacia do Mira, apresenta volumes superiores ao Nível Mínimo de Exploração (NME), após ter utilizado, desde 2019, o volume armazenado abaixo desse nível. Em 2023 foram atingidos os níveis mais baixos de armazenamento total. O Acordo da Água assinado em março de 2023, entre a APA, DGADR, Águas Públicas do Alentejo, Associação Beneficiários do Mira e Câmara Municipal de Odemira, refere a necessidade de estabelecer compromissos dos principais utilizadores visando uma gestão sustentável da água no aproveitamento hidráulico, muito concretamente que, no prazo de cinco anos, seja possível recuperar um modelo de gestão sustentável à cota 116 m. Foi ainda acordado que até à cota 104 m a exploração seria feita para fins múltiplos e a partir desta cota e até à cota 102 m esse volume ficaria reservado para o abastecimento público. A cota da albufeira no final de abril estava nos 129,68 m, ou seja, muito próximo do nível de pleno armazenamento, Figura 19.

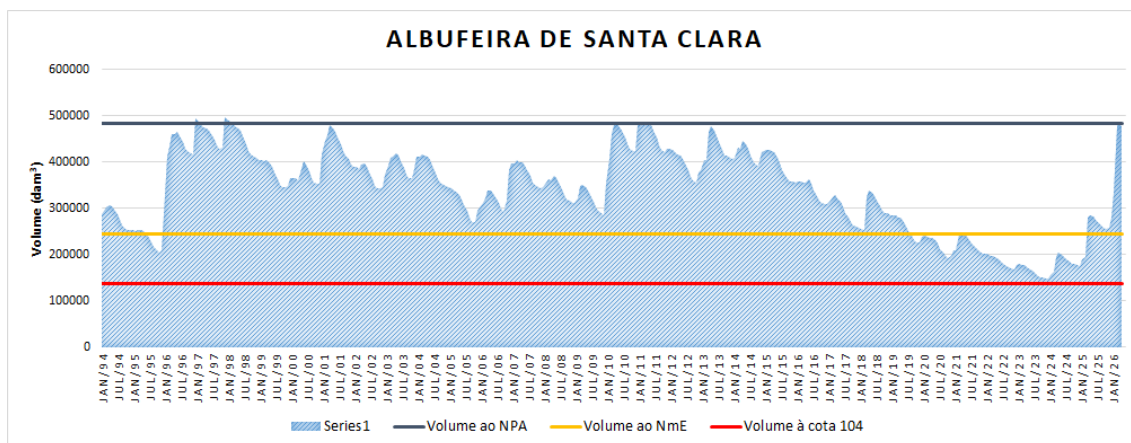


Figura 19 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/03/2026)

(Fonte: APA)

Num período em que se verifica um volume significativo na albufeira é a altura ideal para dar seguimento às medidas aprovadas para promover maior resiliência. Assim, foram definidas medidas para promover a eficiência da água no setor urbano em baixa (redução de 50% das perdas) e no setor agrícola (redução de 30% de perdas), bem como desenvolver o projeto que permita implementação de um novo sistema de captação na albufeira de Santa Clara, adução e tratamento de água para consumo humano dedicado, em substituição do atual com origem nos canais de rega.

Na região do Algarve, os níveis de armazenamento nas seis albufeiras com maior capacidade de regularização mantêm-se em valores compatíveis com a normalidade para o mês de abril, após a recuperação significativa verificada no início do ano, Figura 20. A precipitação ocorrida durante o mês de abril permitiu uma estabilidade dos volumes armazenados. Mantêm-se as restrições à atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica, encontrando-se em avaliação a evolução da situação. É fundamental que os utilizadores procedam, de acordo com as obrigações constantes dos títulos de utilização, ao reporte mensal dos volumes captados, por forma a permitir a avaliação das disponibilidades efetivamente existentes face à recarga.

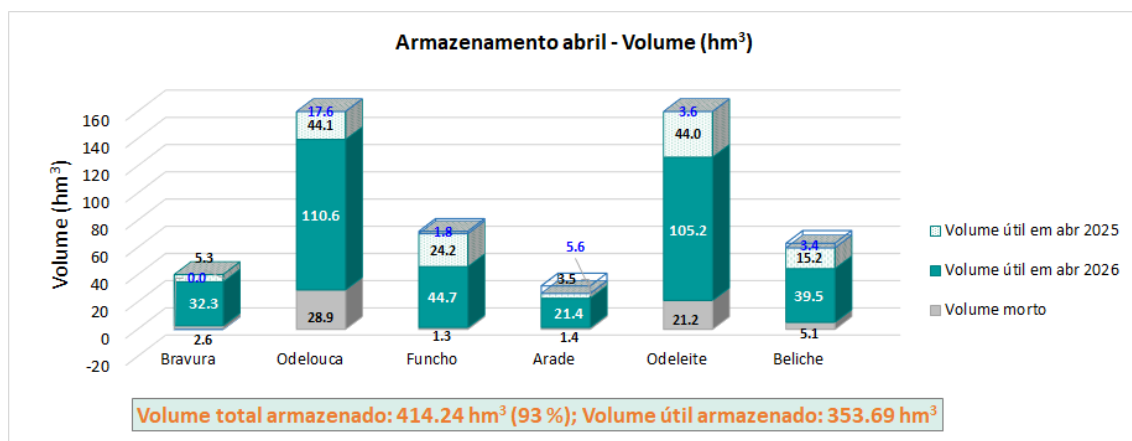


Figura 20 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 30 de abril de 2026 e comparação com os valores de armazenamento observados a 30 de abril de 2025 (Fonte: APA)

É importante continuar a implementar medidas de racionalização e de uma gestão com maior parcimónia da água, diminuindo drasticamente a captação de água natural e recorrer a origens alternativas, já que o seu custo será inferior aos custos associados de não haver água.

4. Águas Subterrâneas

4.1. Comparação com o mês anterior

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de março e abril do ano hidrológico 2025-2026, Figura 21.

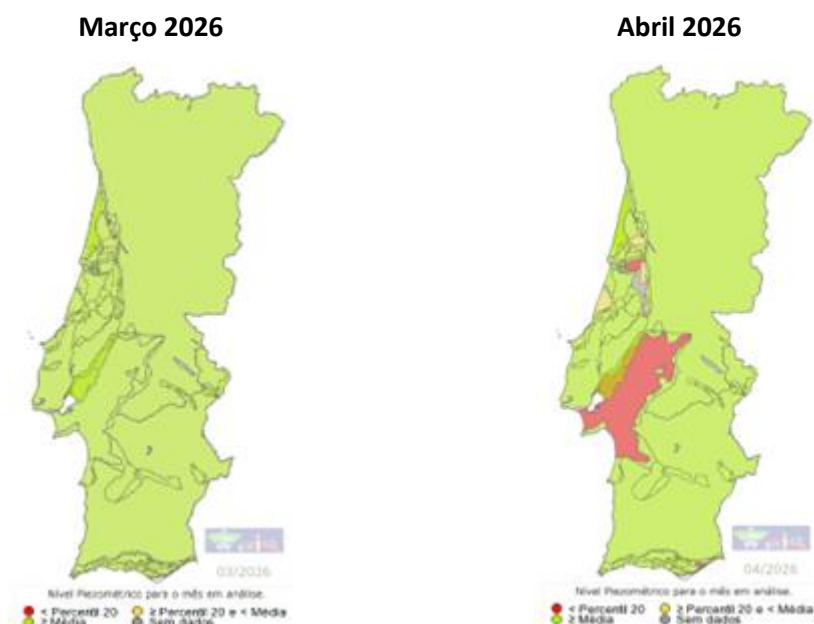


Figura 21 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre março (esquerda) e abril (direita) (Fonte: APA).

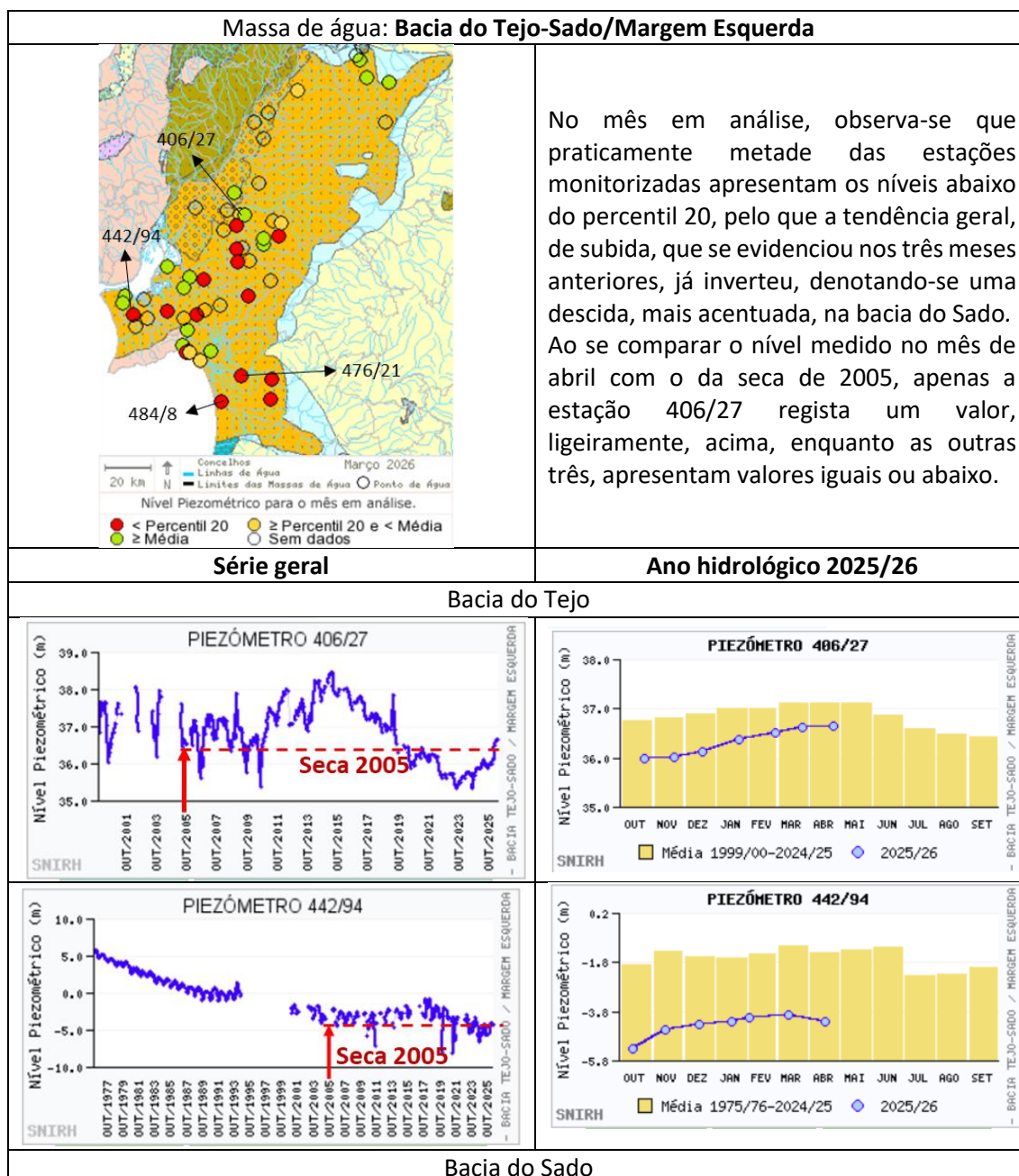
Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a situação se alterou, com algumas massas de água a apresentarem descidas dos níveis de água, para níveis inferiores ao percentil 20, como a Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda, Condeixa – Alfarelos e Luz - Tavira. As restantes massas de água subterrânea, de um modo geral, apresentam os níveis de água acima da média.

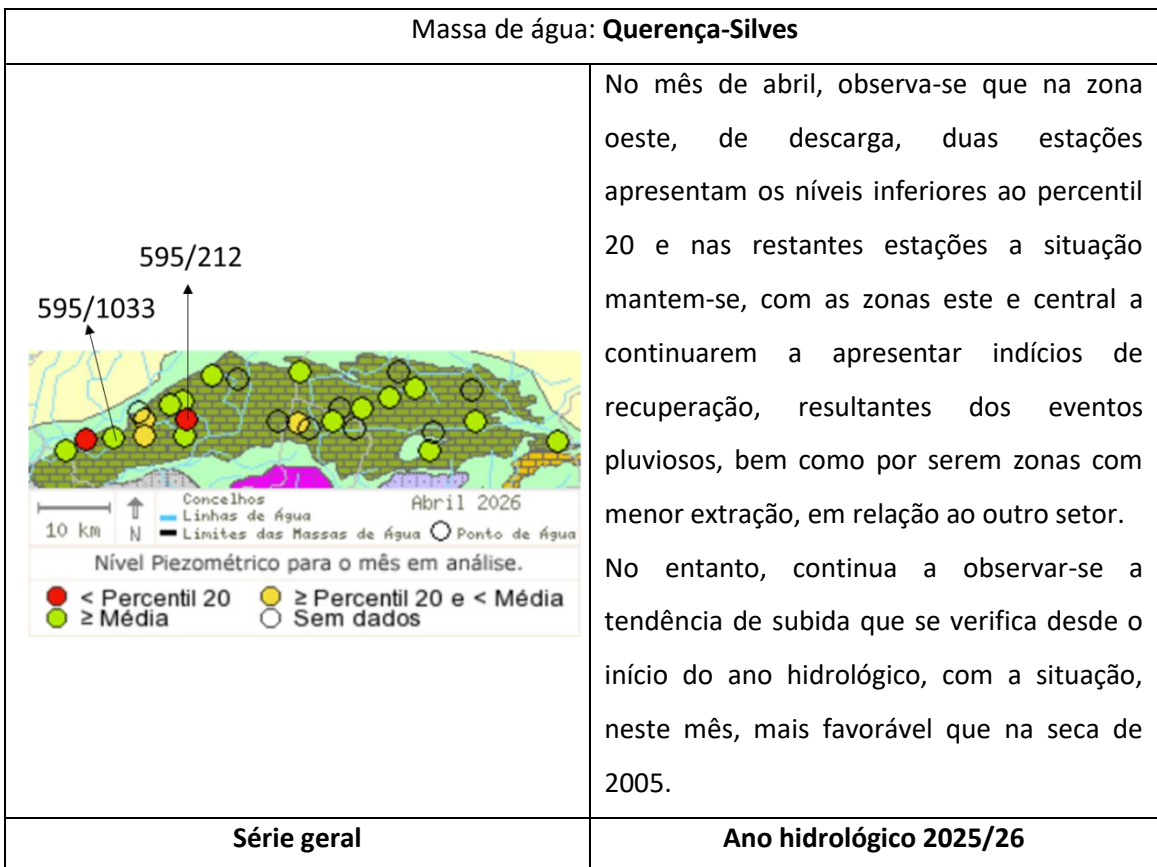
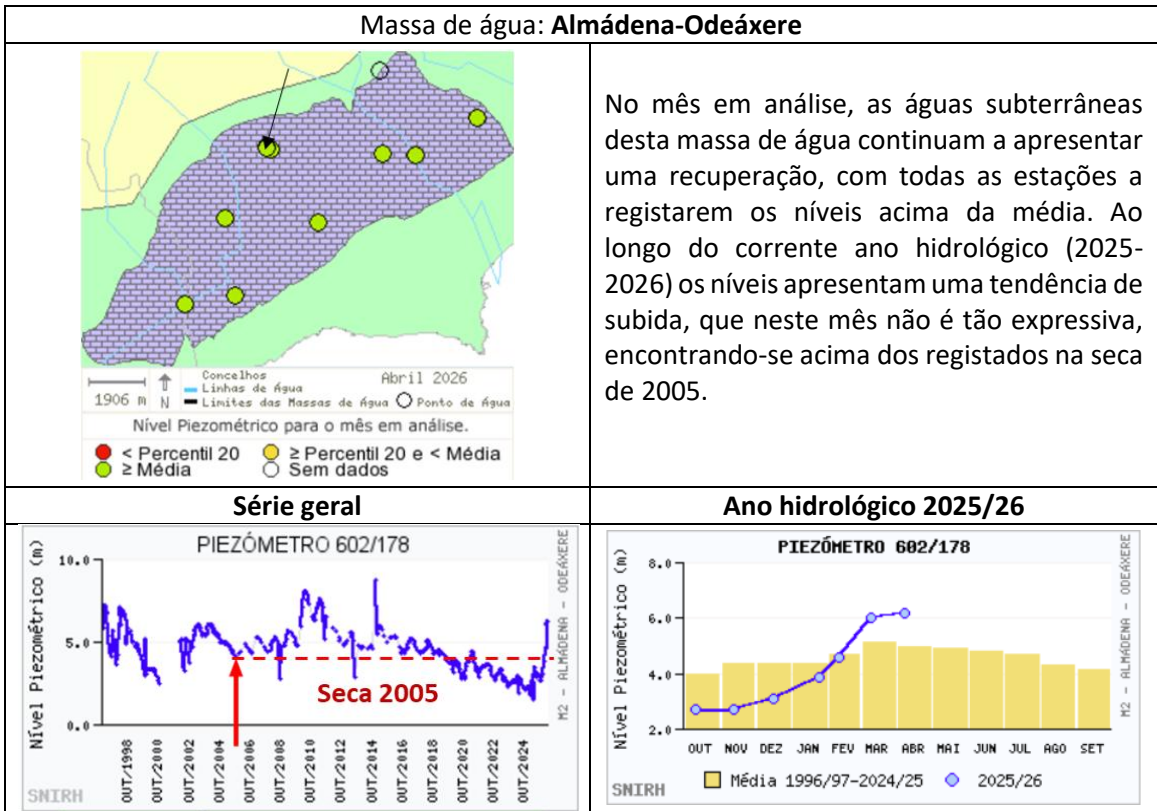
4.2. Análise dos níveis piezométricos

Atendendo aos dados disponíveis no mês de abril de 2026, constata-se que os níveis piezométricos em **313 pontos observados em 54 massas de água subterrânea** se apresentam, na generalidade, superiores às médias mensais.

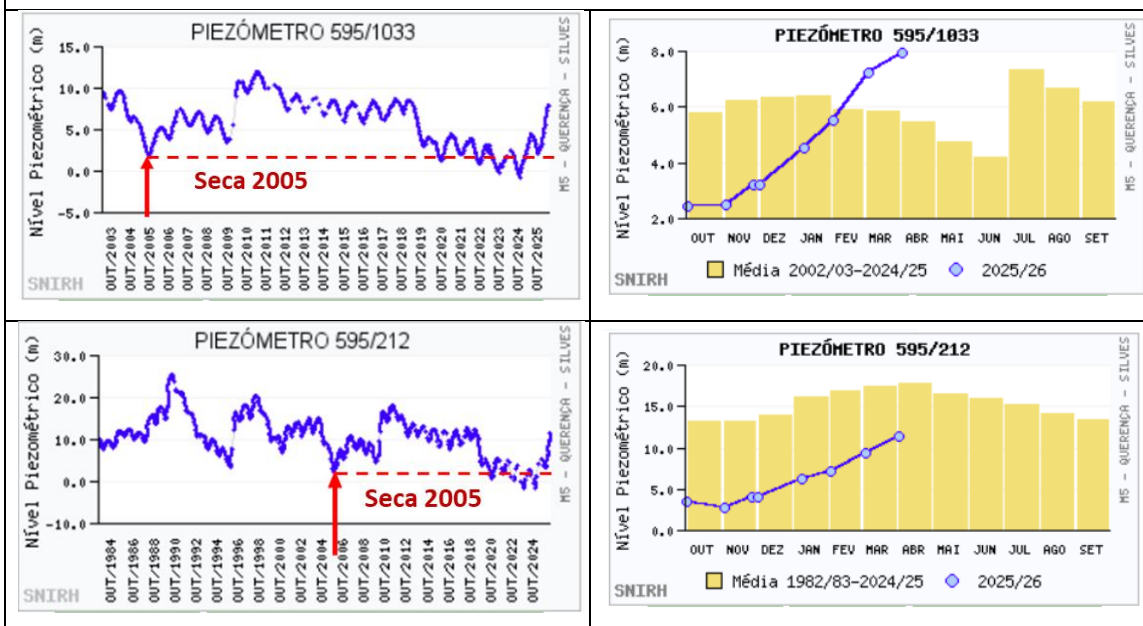
Apresenta-se, seguidamente, um detalhe da evolução dos níveis de água subterrânea nas massas de água que, apesar de neste mês se continuar a observar uma melhoria dos níveis de água subterrânea, algumas estações de monitorização ainda revelam níveis significativamente baixos, inferiores ao percentil 20, indicando que a massa de água ainda não recuperou e que

continuam a merecer preocupação, uma vez que estiveram muitos anos com os níveis muito profundos e as extrações se mantêm. Destacam-se, para o mês em análise, as massas de água da Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda (bacia do Tejo e Sado), Moura-Ficalho (bacia do Guadiana), Querença-Silves e Campina de Faro (bacia das ribeiras do Algarve). Importa, ainda, referir que os níveis de água subterrânea do mês em análise são comparados com o nível registado durante a seca de 2005, considerada, até ao momento, o período de seca mais severa.

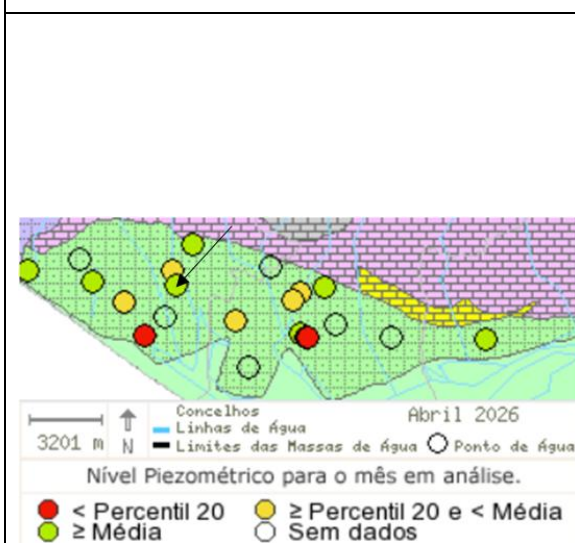




Massa de água: Querença-Silves



Massa de água: Campina de Faro



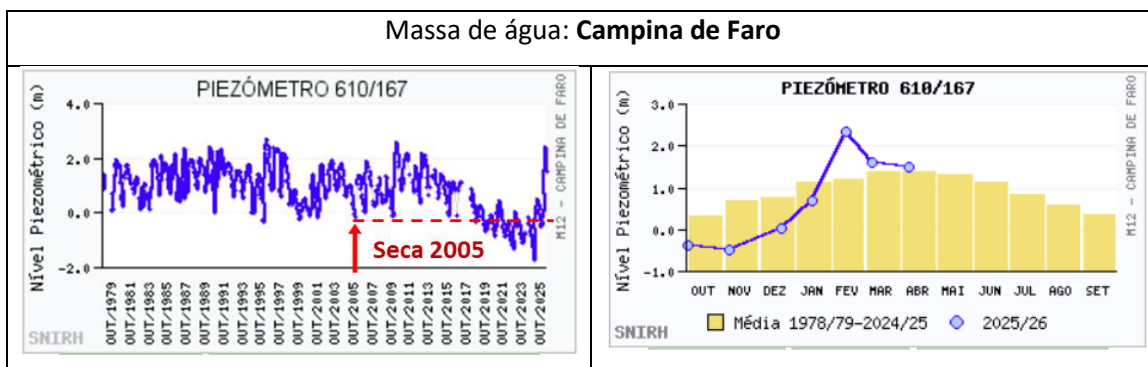
Para esta massa de água, observa-se que no setor de Vale de Lobo, a este, algumas estações apresentam os níveis piezométricos inferiores aos valores médios mensais e mesmo abaixo do percentil 20.

Contudo, a situação no mês em análise é bastante mais favorável do que no início do ano hidrológico, embora se observe uma tendência de descida, apesar de os níveis se encontrarem a cotas acima do nível da água do mar.

No mês de abril observa-se que os níveis se encontram acima dos registados na seca de 2005.

Série geral

Ano hidrológico 2025/26



4.3. Massas de água em situação crítica e em vigilância

A avaliação dos recursos hídricos subterrâneos disponíveis conjuga dois fatores principais: a extração de água por captação e a recarga, sendo que os recursos hídricos subterrâneos disponíveis correspondem a 80% da recarga média anual. Este balanço, entre as saídas e as entradas, reflete-se no nível de água subterrânea.

A evolução do nível de água subterrânea, ao longo dos diversos meses de um ano hidrológico, é avaliada através da medição dos níveis piezométricos, ou seja, da profundidade do nível de água em poços e furos, que constituem as estações de monitorização que fazem parte da rede de quantidade.

A avaliação da situação da massa de água subterrânea realiza-se tendo por base os dados históricos disponíveis em cada estação de monitorização. Assim, para cada mês em análise, calculam-se a média e o percentil 20 (próximo do valor mínimo registado), desde o início da série até ao ano hidrológico anterior. O valor mensal medido é comparado com os parâmetros estatísticos mencionados, podendo ser inserido numa das três classes:

- superior à média;
- entre a média e o percentil 20;
- inferior ao percentil 20.

Uma massa de água é colocada em situação crítica quando se verifica que, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, os níveis persistem inferiores ao percentil 20. Na figura seguinte ilustra-se a metodologia de avaliação e de classificação das massas de água em situação crítica e de vigilância.



Figura 22 - Metodologia de avaliação das massas de água em situação crítica e de vigilância (Fonte: APA).

4.3.1. Massas de água em situação crítica

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que existe um grupo de massas de água que devem permanecer em situação crítica, atendendo aos critérios explanados anteriormente e, que registam níveis muito baixos, desde o início do ano hidrológico 2018-2019, não obstante poderem apresentar já alguma recuperação. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistiram, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, **níveis inferiores ao percentil 20**, pelo que urge continuar a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca. Neste contexto, as massas de água em **situação crítica** são as seguintes:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Pisões – Atrozela
Guadiana	Moura-Ficalho
Ribeiras do Algarve	Campina de Faro – Subsistema Faro Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo Malhão Querença - Silves

Face ao mês anterior, março de 2025, há alteração na lista das massas de água em situação crítica, em que Almádena – Odeáxere, Covões e Quarteira saíram, passando para vigilância.

4.3.2. Massas de água em vigilância

Atendendo aos eventos pluviosos ocorridos, assim como nos dois anteriores anos hidrológicos, verifica-se que os níveis ainda estão a recuperar em diversas massas de água, pelo que, permanecem algumas em **vigilância**, isto é, merecem especial atenção, nomeadamente:

- **Todas as MA das Ribeiras do Algarve, exceto as que se encontram em situação crítica;**
- Vieira de Leiria – Marinha Grande (bacia do Lis).

Considera-se que as massas de água acima identificadas, ou as massas de água que nos últimos meses registam níveis de água subterrânea baixos, devem permanecer em vigilância, em especial nas bacias hidrográficas do Alentejo e Algarve. Comparando com o mês anterior, há alteração na lista das massas de água em vigilância, tendo entrado Almádena – Odeáxere, Covões e Quarteira.

4.4. Apreciação geral

Atendendo aos eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico e no atual, verifica-se que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, registam alguns indícios de recuperação, persistindo, ainda, alguns níveis baixos. Face à situação excecional que ocorreu durante o mês de janeiro e de fevereiro, extremamente chuvosos, é necessário ter cautela, pois as massas de água subterrâneas demoram tempo a responder à precipitação e à consequente recarga.

De referir que **as situações que merecem maior foco de atenção se mantêm nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho, Campina de Faro – Subsistema Faro, Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo e Querença - Silves**, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma consolidação da recarga, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem, ainda baixos, não obstante haver alguma recuperação.

A APA, I.P., enquanto Autoridade Nacional da Água, deve promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis, conforme os termos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 1.º, nos artigos 7.º e 8.º e na alínea b) do n.º 1 do artigo 63.º da Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro (Lei da Água), na sua redação atual.

Nesse sentido, julga-se de manter as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica, até que se verifique uma recuperação efetiva dos níveis de água subterrânea.

5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola

A disponibilização de informação por parte da DGADR, reflete a preocupação crescente deste organismo, enquanto Autoridade Nacional de Regadio, em fornecer um conteúdo informativo mais abrangente, sobre os volumes totais e úteis armazenados nas albufeiras e compará-los com as necessidades em água associadas às campanhas de rega nos diversos aproveitamentos. Os volumes apresentados possibilitam prever se a campanha de cada ano irá ocorrer normalmente ou, se pelo contrário, são antecipadas dificuldades que, segundo a sua gravidade, determinem a tomada de medidas tendentes a diminuir o consumo de água para os vários usos, nomeadamente no regadio.

As albufeiras monitorizadas e avaliadas pela DGADR, que incluem empreendimentos de fins múltiplos e equiparados, estão identificadas na Figura 23.



Figura 23 - Localização das albufeiras monitorizadas pela DGADR (Fonte: DGADR)

Os armazenamentos registados no final de fevereiro nas albufeiras monitorizadas pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), estão indicados na

Tabela 3. Nesta tabela apresentam-se, também, as tendências evolutivas dos armazenamentos, em relação ao

final do mês anterior, e as previsões para a campanha de rega (<http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>).

Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em fevereiro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, <http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>)

DISPONIBILIDADES HÍDRICAS					GESTÃO DA CAMPANHA DE REGA						
Origem	Bacia	Cota (m)	Volume Total na Albufeira (hm ³)	Evolução Mensal (%)	Aproveitamento	Necessidade da Campanha (hm ³)	Volume Útil Disponível (hm ³)	Estado da Campanha	Volume Consumido e Executado (hm ³)	Previsão para a Campanha 2025 (1º Nível de Contingência)	
NORTE					NORTE						
Estevão	Douro	626,50	1.598	100%	Alfandega de Fé	1.000	1.298	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Burga	Douro	329,00	1.540	100%	Vale da Vilarça	1.200	1.440	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Santa Justa	Douro	259,00	3.480	100%	Vale da Vilarça	1.900	2.727	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Salgueiro	Douro	222,00	1.800	100%	Vale da Vilarça	0.300	1.650	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Ribeira Grande e Arca	Douro	187,00	5.970	100%	Vale da Vilarça	1.900	4.327	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Vale Madeiro	Douro	291,00	1.510	100%	Vale Madeiro	0.900	1.423	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Arcossó	Douro	537,00	4.880	100%	Velgo de Chaves	3.300	4.673	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Rego do Milho	Douro	454,96	1.890	99%	Rego do Milho	0.500	1.797	Em Execução	0,013	3%	Campanha assegurada a
Armamar	Douro	754,00	2.900	100%	Temilobos	1.300	2.817	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Azilbo	Douro	601,23	51.385	94%	Maceda de Cavaleiros	4.000	43.585	Em Execução	0,056	1%	Campanha assegurada a
Gostel	Douro	757,35	1.290	95%	Gostel	2.700	11.887	Em Execução	0,086	12%	Campanha assegurada a
Prada	Douro	931,50	0.250	100%	Prada	0.163	0.240	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Curalha	Douro	405,00	0.790	100%	Curalha	0.316	0.780	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Mairos	Douro	800,00	0.370	100%	Mairos	0.240	0.360	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Camba	Douro	620,41	1.080	99%	Camba	0.750	1.050	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Burgães	Vouga	--	--	--	Burgães	--	--	--	--	--	--
CENTRO					CENTRO						
Sabugal	Douro	790,10	116.355	101%	Cova da Beira	50.000	112.455	Em Execução	0,883	2%	Campanha assegurada a
Melmea	Douro	566,12	33.163	81%	Cova da Beira	15.000	19.263	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Aguielra	Mandega	121,70	366.000	82%	Baio Mandega	114.000	159.000	Em Execução	2,281	1%	Campanha assegurada a
Marechal Carmona	Tejo	254,14	49.468	89%	Idanha	40.000	48.868	Em Execução	0,243	1%	Campanha assegurada a
Parcão	Vouga	103,99	0.102	100%	Ribeira do Parcão	0.040	0.098	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Vermiosa	Douro	484,81	2.200	100%	Vermiosa	0.800	2.150	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Macleira	Mandega	143,64	0.946	100%	Ribeiras Fogo e Montágua	0.500	0.920	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Pereres	Vouga	481,64	0.103	86%	Pereres	0.070	0.098	Em Execução	0,017	24%	Campanha assegurada a
Bouça-Cova	Douro	577,01	4.867	100%	Cerejo	3.000	4.684	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Alfalotes	Douro	801,01	0.854	100%	Alfalotes	0.420	0.650	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Açafal	Tejo	112,59	1.744	100%	Açafal	0.800	1.744	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Coviladas/Tamujais	Tejo	130,91	3.854	99%	Coviladas/Tamujais	1.985	3.263	Em Execução	0,009	0%	Campanha assegurada a
Calde	Vouga	547,21	0.589	100%	Várzea de Calde	0.150	0.556	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Maqueja	Tejo	353,51	0.134	100%	Maqueja	0.050	0.134	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
LISBOA E VALE TO TEJO					DRAP LISBOA E VALE TO TEJO						
Alvorninha	Rib. Oeste	103,90	0.711	103%	Alvorninha	0.900	0.681	Em Execução	0,020	4%	Campanha assegurada a
Corril	Tejo	94,01	2.699	100%	Corril	1.000	2.349	Em Execução	0,005	0%	Campanha assegurada a
Óbidos	Rib. Oeste	29,40	3.350	59%	Óbidos	--	--	--	--	--	--
ALENTEJO					ALENTEJO						
Divor	Tejo	261,36	11.897	100%	Divor	2.700	11.887	Em Execução	0,086	1%	Campanha assegurada a
Magos	Tejo	16,69	3.384	100%	Magos	2.500	3.000	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Maranhão	Tejo	129,53	176.912	96%	Vale do Sorral	94.010	172.412	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Minutos	Tejo	264,00	52.200	100%	Minutos	10.000	50.100	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Montargil	Tejo	79,64	158.708	97%	Vale do Sorral	78.500	137.108	Em Execução	1,673	1%	Campanha assegurada a
Montes	Tejo	268,94	10.164	99%	Veios	3.700	9.054	Em Execução	0,061	2%	Campanha assegurada a
Alvão	Sado	197,50	132.500	100%	--	--	130.000	--	--	--	--
Campilhas	Sado	107,94	26.932	99%	Campilhas e Alto Sado	15.000	25.932	Em Execução	0,060	0%	Campanha assegurada a
Fonte Serne	Sado	78,44	5.073	99%	Campilhas e Alto Sado	2.000	3.573	Em Execução	0,040	2%	Campanha assegurada a
Miguelês	Sado	155,94	0.921	98%	Campilhas e Alto Sado	0.800	0.807	Em Execução	0,010	1%	Campanha assegurada a
Monte Gato	Sado	179,54	0.642	98%	Campilhas e Alto Sado	0.600	0.586	Em Execução	0,006	1%	Campanha assegurada a
Monte de Rocha	Sado	136,84	100.990	98%	Campilhas e Alto Sado	25.000	93.990	Em Execução	1,072	4%	Campanha assegurada a
Odivelas	Sado	102,52	91.420	95%	Odivelas	44.000	65.420	Em Execução	1,323	3%	Campanha assegurada a
Pego do Altar	Sado	51,89	90.010	96%	Vale do Sado	50.000	89.610	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Raxo	Sado	135,77	93.291	97%	Raxo	50.000	86.491	Em Execução	1,197	2%	Campanha assegurada a
Vale do Galo	Sado	40,50	63.000	100%	Vale do Sado	35.000	55.000	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Carte Brigue	Mira	134,63	1.635	100%	Mira	1.000	1.460	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Santa Clara	Mira	129,71	479.424	99%	Mira	50.000	234.724	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Abrilongo	Guadiana	251,90	19.871	100%	--	--	18.871	--	--	--	--
Alqueva	Guadiana	151,63	4059.060	98%	EFMA	590.000	3059.060	Em Execução	24.799	4%	Campanha assegurada a
Luçefecil	Guadiana	181,96	10.166	99%	Luçefecil	6.000	9.566	Em Execução	0,008	0%	Campanha assegurada a
Caia	Guadiana	232,16	178.246	88%	Caia	40.000	167.546	Em Execução	0,792	2%	Campanha assegurada a
Vigia	Guadiana	223,74	15.900	95%	Vigia	8.200	14.754	Em Execução	0,388	5%	Campanha assegurada a
Apartadura	Tejo	594,92	6.956	99%	Marvão-Apartadura	2.000	6.471	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
ALGARVE					ALGARVE						
Beliche	Guadiana	51,32	44.862	93%	Sotavento Algarvio	19.000	44.462	Em Execução	0,158	1%	Campanha assegurada a
Odeleite	Guadiana	51,37	127.220	98%	Sotavento Algarvio	35.000	114.220	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Bravura	Odeleite	84,11	34.855	100%	Alvor	2.000	32.290	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a
Arade (Silves)	Arade	57,83	22.990	81%	Silves Logoa e Fortimão	15.000	21.345	Em Execução	0,089	1%	Campanha assegurada a
Funcho	Arade	95,50	46.030	96%	--	--	41.060	--	--	--	--
Odeleuca	Arade	99,70	139.80	89%	--	--	110.859	--	--	--	--
Malhada do Feres	Rib. Algarve	63,50	0,43	93%	Malhada do Feres	0,200	0,430	Em Execução	0,008	1%	Campanha assegurada a
Pessegueiro	Guadiana	238,80	0,28	94%	Pessegueiro	0,110	0,232	Em Execução	0,015	14%	Campanha assegurada a

***Níveis de contingência:**

Nível 0 - Déficit hídrico reduzido ou inexistente

Nível 1 - Déficit hídrico pouco significativo

Nível 2 - Déficit hídrico significativo (restrições)

Nível 3 - Déficit hídrico relevante (esgotamento)

Notas:

1 Captação direta em rio ou ribeira

2 Captação Subterránea

3 Restrições ao Enchimento - RSB

Evolução Semanal:

▲ Subida de Nível

↔ Manutenção de Nível

▼ Descida de Nível

Observações complementares:

Perdas por evaporação baseadas em observações evaporimétricas específicas (Anúrios dos Serviços Hidráulicos, DGRAH, 1979)

5.1. Análise dos dados hidrométricos

Neste mês verificou-se uma tendência de descida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 4 a subir, 36 a descer e 24 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre -14,5% (Pereiras) e 0,4% (Maranhão). A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -5,7% (Pessegueiro) e 1,3% (Funcho).

A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, nenhuma das albufeiras hidroagrícolas tinha armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental Figura 24, designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

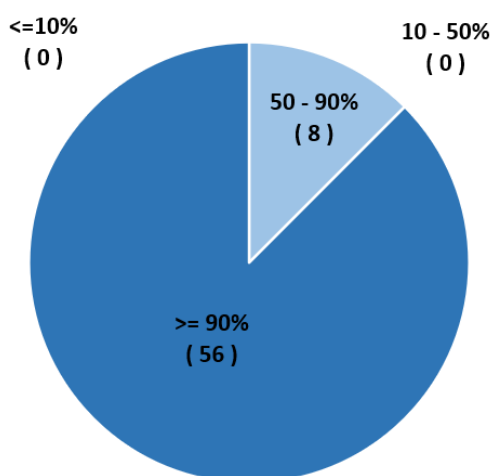


Figura 24 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

5.2. Planeamento de contingência

Excluindo as albufeiras do Alqueva e da Aguieira (sem gestão direta dos agricultores), entre os aproveitamentos analisados, a albufeira de Santa Clara, na bacia hidrográfica do rio Mira, é aquela que apresenta maior volume armazenado 479,82 hm³, o qual em termos de volume total

corresponde a 99% do seu pleno armazenamento (485 hm³). De referir que a albufeira de Santa Clara, é a que possui maior volume útil à data deste relatório 234,72 hm³.

Na Figura 25 podemos observar a evolução dos volumes armazenados, desde o início do ano hidrológico, tanto no EFMA como nos restantes aproveitamentos hidroagrícolas.

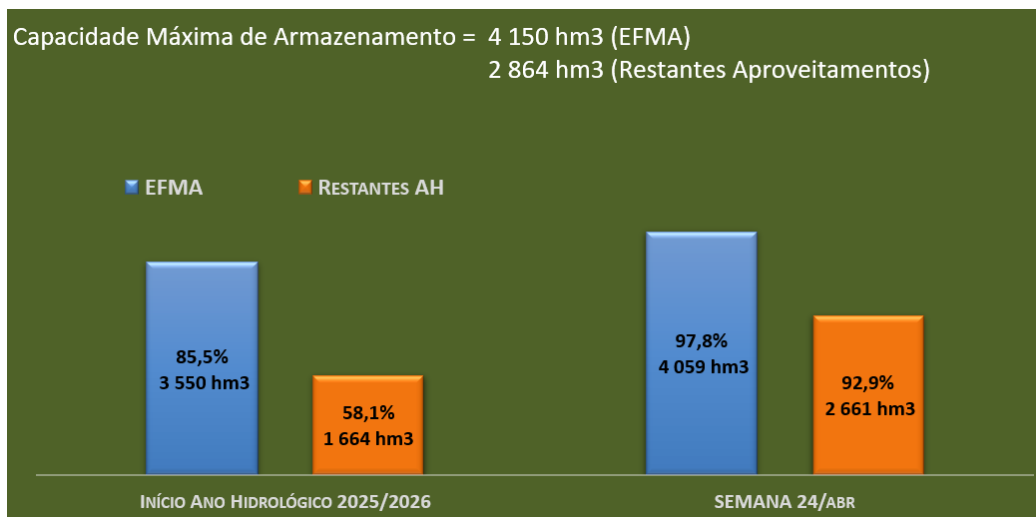


Figura 25 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

Neste mês, não existem albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) nem com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Agueira.

Síntese do ponto de situação das albufeiras do grupo IV monitorizadas pelas DRAP Norte e Centro

Na Tabela 4 apresenta-se o ponto de situação das albufeiras do **Grupo IV** dos perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN).

Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (31 de março de 2026), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm3)	Volume Útil (hm3)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 31.03.2026 (hm³)	Volume a 24.02.26 (hm³)	Variação (hm³)		% do NPA	Volume útil armazenado (hm3)	%
Alfândega da Fé	Camba	620,43	1,09	1,06	620,42	1,08	1,09	↓	- 0,01	99,08	1,05	99,06%
Bragança	Gostei	758,00	1,38	1,37	758,00	1,38	1,38	↔	0,00	100,00	1,37	100,00%
Vinhais	Prada	931,50	0,25	0,24	931,50	0,25	0,25	↔	0,00	100,00	0,24	100,00%
Chaves	Curalha	405,00	0,79	0,78	405,00	0,79	0,70	↓	- 0,09	100,00	0,78	100,00%
Chaves	Mairos	800,00	0,37	0,36	800,00	0,37	0,37	↔	0,00	100,00	0,36	100,00%

Na Tabela 6 indica-se a percentagem de água disponível relativamente à capacidade total das albufeiras do **Grupo IV**, de perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC), no mês de abril.

Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (30 de abril de 2026),de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm³)	Volume Útil (hm³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 30.04.26 (hm³)	Volume a 02.04.26 (hm³)	Variação (hm³)		% do NPA	Volume útil armazenado (hm³)	%
Anadia	Porção	104,00	0,10	0,10	104,01	0,10	0,10	↔	0,0	100,0%	0,10	100,0%
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,13	0,13	353,51	0,13	0,13	↔	0,0	100,0%	0,13	100,0%
Figueira Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,20	2,15	684,78	2,14	2,20	↓	0,0	100,0%	2,14	99,4%
Mortágua	Macieira	143,60	0,95	0,92	143,64	0,92	0,95	↓	0,00	100,0%	0,92	100,0%
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,12	0,12	481,47	0,09	0,12	↓	0,00	100,0%	0,10	84,4%
Pinhel / Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,87	4,68	576,98	4,67	4,87	↓	0,0	100,0%	4,67	99,07%
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,85	0,65	801,04	0,65	0,85	↓	0,00	100,0%	0,65	100,0%
Vila Velha de Rodão	Açafal	112,60	1,75	1,75	112,56	1,74	1,75	↓	0,00	100,0%	1,74	99,5%
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujaís	131,00	3,89	3,30	130,88	3,25	3,88	↓	0,01	100,0%	3,30	98,7%
Viseu	Calde	547,20	0,59	0,56	547,22	0,56	0,59	↓	0,00	100,0%	0,56	100,0%

6. Agricultura e Pecuária

Neste capítulo apresenta-se a evolução das atividades agrícolas no final de abril, em termos qualitativos, com indicação também de alguns valores das variações de área semeada, de produtividade e de produção face ao ano anterior (Anexos II e III).

6.1. Sementeiras de cereais praganosos

Antes de se proceder ao ponto de situação das culturas cerealíferas para o mês de abril, importa referir que o setor atravessa um momento de grande pressão, face às condições adversas que têm caracterizado a campanha agrícola. São elas, as condições meteorológicas ocorridas nos últimos meses, com destaque para a precipitação intensa e persistente, que impediu a realização atempada das sementeiras e de outras práticas agrícolas, limitando as janelas de oportunidade para um regular calendário agrícola e, conseqüentemente, comprometendo o potencial produtivo destas culturas. Por outro lado, nas searas em curso, o excesso de água no solo e as situações daí resultantes, como o encharcamento e a asfixia radicular das plantas, trouxeram perdas muito significativas e, em muitos casos, a perda total das searas. Esta realidade acentuou de forma significativa a vulnerabilidade económica destas explorações agrícolas, agravada ainda mais pelo aumento dos custos de produção face à conjuntura geopolítica internacional, em especial pela guerra no Médio Oriente. Os preços dos fertilizantes e dos combustíveis, ambos essenciais para a atividade das explorações agrícolas, têm registado aumentos sem precedentes. Esta evolução coloca o setor sob uma forte pressão, com margens já significativamente reduzidas devido aos baixos preços praticados no mercado mundial de cereais.

No mês de abril, as culturas cerealíferas encontravam-se na fase terminal do período reprodutivo, compreendida entre o espigamento e o início da maturação, recuperando o estado vegetativo, resultado da humidade no solo e da subida gradual das temperaturas durante o mês de abril.

Apesar da data de sementeira ter sido mais tardia, as condições do tempo proporcionaram um bom/razoável desenvolvimento vegetativo em algumas áreas da região Norte. Ainda, assim a melhoria das condições não foi suficiente para a maioria do território, pois apresentavam um estado vegetativo globalmente fraco.

Antecipa-se um decréscimo significativo do potencial produtivo dos cereais praganosos (trigo mole, trigo duro, triticale, aveia, centeio e cevada), com produtividades esperadas claramente inferiores às de um ano normal. Neste contexto, mais a sul do país, algumas áreas estão a ser

reconvertidas para aproveitamento forrageiro, face à inviabilidade económica da colheita em grão.

6.2. Prados, pastagens e culturas forrageiras

Os prados, pastagens e culturas forrageiras entraram em abril com uma base produtiva globalmente favorável, contudo, a escassa precipitação do mês e as temperaturas mais elevadas determinaram uma evolução heterogénea e, em várias situações, uma secagem mais rápida do coberto vegetal. Assim sendo, observou-se que a Norte do Tejo, as pastagens permanentes, em regime de sequeiro ou regadio, continuam a disponibilizar matéria verde, quer seja para corte ou para pastoreio direto, enquanto a sul do Tejo antecipa-se uma maior escassez de erva, em resultado das condições de secura observadas ao longo do mês.

As operações de corte das áreas forrageiras destinadas à produção de feno e feno-silagem encontravam-se em curso, abrangendo pastagens naturais e semeadas. As produtividades observadas indiciam decréscimos significativos na produção de biomassa relativamente à campanha de 2025, situando-se abaixo dos valores médios de um ano considerado normal.

6.3. Culturas de Primavera/Verão

- **Batata**

A partir de março e agora em abril o clima permitiu o início da plantação, tanto da batata de sequeiro como a de regadio, prevendo-se áreas semelhantes ao último ano.

As áreas instaladas no início de março apresentavam plantas vigorosas e a iniciar a floração.

Comparando com o mês homólogo do ano anterior, verifica-se uma estabilização das áreas semeadas, embora com sementeiras mais tardias este ano devido ao encharcamento da maioria dos solos.

- **Milho**

Relativamente a esta cultura regista-se um atraso considerável em relação ao ano passado, nomeadamente pelo encharcamento dos solos provocado pela chuva intensa.

Durante o mês de abril decorreu a preparação do solo para a sementeira do milho grão, sendo que há casos em que devido às condições meteorológicas desfavoráveis,

Nas sementeiras realizadas com tempo seco, a precipitação ocorrida e as elevadas temperaturas garantiram uma emergência regular.

- **Arroz**

Durante o mês de abril, procedeu-se à instalação da cultura do arroz, decorrendo as operações de sementeira dentro da normalidade para a época, sobretudo na Região Centro. Já na Região de

Lisboa e Vale do Tejo, a campanha do arroz registou um arranque mais lento, devido principalmente aos danos causados pelas tempestades de inverno, com destaque para a depressão *Kristin*. Relativamente, às áreas cultivadas, não se registam alterações significativas face à campanha anterior, mantendo-se uma tendência global de estabilidade. Os principais constrangimentos sentidos nesta campanha estão associados ao aumento dos custos de produção, sobretudo combustíveis e fertilizantes, afetando a rentabilidade das explorações agrícolas.

6.4. Culturas arbóreas e arbustivas

- **Pomóideas**

Nas pomóideas, as temperaturas elevadas permitiram uma antecipação do ciclo cultural, tal como referido no último relatório. Nos pomares de **pera Rocha** a floração ocorreu cerca de duas semanas mais cedo do que no ano anterior, apresentando-se abundante e muito homogénea como já não se via há vários anos, perspetivando-se que a grande disponibilidade de água no solo poderá ter sido um dos fatores indutores dessa ocorrência, tal como o maior número de horas de frio invernal. No restante território, as pereiras apresentavam bom vingamento dos frutos, observando-se elevada carga produtiva na maioria dos pomares.

Nos pomares de **macieiras** do Oeste, o prolongado período de encharcamento dos solos originou uma floração escalonada e irregular, enquanto no restante território, o estado vegetativo apresentava-se globalmente satisfatório.

- **Prunoídeas**

As **ameixeiras** e os **pessegueiros** encontravam-se em diferentes fases de desenvolvimento, observando-se já, em algumas espécies e variedades, frutos em formação.

No geral na região Norte, o vingamento foi normal, com exceção da Terra Fria onde se observou menos fruto vingado.

Na região Centro encontravam-se na fase de desenvolvimento do fruto, prevendo-se um ano com produtividade normal.

No Oeste, os pomares de pêsego e de nectarinas a floração foi abundante e a taxa de vingamento bastante satisfatória. Nas ameixoeiras, algumas variedades precoces registaram uma fraca taxa de vingamento.

No que diz respeito às **cerejeiras**, o período de floração decorreu em março. Na Cova da Beira, as cerejeiras, cujas variedades mais precoces entraram em maturação, nas vertentes Sul da Cova da Beira, principalmente a Sul da Gardunha, estima-se um ano com produtividade normal. Já na região de Transmontana, as cerejeiras apresentavam um bom vingamento dos frutos, prevendo-se que venha a ser um ano excelente para os produtores.

No Alentejo, nomeadamente em Portalegre / Marvão perspectiva-se um incremento de 30-40 % em relação ao ano anterior da produtividade de cereja.

- **Pomares de Citrinos**

Durante o mês de abril, os pomares de citrinos apresentavam um estado vegetativo globalmente favorável observando-se boa atividade fisiológica, desenvolvimento de novas rebentações e floração em várias regiões. Apesar de persistirem alguns constrangimentos localizados relacionados com problemas fitossanitários, fenómenos meteorológicos anteriores e reduções pontuais de calibre e produtividade, o panorama nacional revelou sinais predominantemente positivos.

Nomeadamente na região Algarve, principal zona produtora de citrinos em Portugal, os pomares de citrinos apresentavam-se, em geral, em fase final de colheita das variedades de laranja de umbigo de meia estação. Registou-se uma melhor qualidade dos frutos e menor incidência de fruta destinada à indústria, beneficiando de melhores condições fitossanitárias e menor pressão de pragas. Em simultâneo, iniciou-se a colheita das laranjas do grupo comum (Valencia Late e D. João), perspectivando-se um decréscimo global de produção de cerca de 15–20% face a um ano médio. As campanhas de tangerinas e clementinas foram dadas por concluídas, com produções, em alguns casos, superiores ao ano anterior, ainda que com calibres mais reduzidos devido às maiores cargas produtivas.

Actínídeas (Kiwi)

Os pomares de kiwis entraram, de uma maneira gradual, na fase rebentação dos gomos florais, apresentando um bom estado de desenvolvimento. A variedade Dori (kiwi amarelo) mostra maior avanço e bom potencial produtivo. As condições secas recentes favoreceram o controlo da PSA, com baixa incidência da doença, tendo-se registado apenas danos pontuais devido a geadas ocorridas em 12 de abril em zonas mais sensíveis.

Vinhas

As vinhas apresentavam, de forma geral, um desenvolvimento vegetativo regular e ligeiramente adiantado face ao ano anterior. Os estados fenológicos variam entre abrolhamento e prefloração, predominando as fases de cachos visíveis a cachos separados. As condições climáticas têm favorecido o crescimento, embora a humidade aumente o risco de doenças fúngicas, exigindo atenção fitossanitária. Globalmente, as vinhas mostram bom aspeto vegetativo e perspectivas positivas para a campanha.

Olival

De forma geral, o olival apresentava um quadro globalmente favorável, caracterizado por bom desenvolvimento vegetativo, floração abundante e perspectivas produtivas positivas em grande parte das regiões. Em várias zonas verificou-se um adiantamento fenológico relativamente ao ano anterior, associado às temperaturas mais elevadas registadas durante a primavera. Contudo, o sucesso da campanha permanece dependente da evolução das condições meteorológicas durante maio e das fases de floração e vingamento.

6.5. Abeberamento dos animais

No mês de abril, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

7. Outras Informações

Neste capítulo do relatório de monitorização é incluída informação considerada relevante em função da situação de seca em presença, não enquadrável nos temas dos capítulos anteriores.

7.1 Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros

A utilização de veículos autotanque para reforço do abastecimento (por injeção de água em reservatórios ou instalações de tratamento) é uma prática corrente de diversas entidades gestoras, as quais recorrem a recursos próprios, a meios das autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), a veículos detidos por privados ou, mais comumente, a veículos dos Corpos de Bombeiros.

No mês de abril de 2026, foram reportadas 413 operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros, valor que corresponde a uma redução de cerca de 6% face ao mês precedente e a um aumento de cerca de 61% comparativamente com a média de igual período de anos anteriores, conforme ilustrado Figura 26.

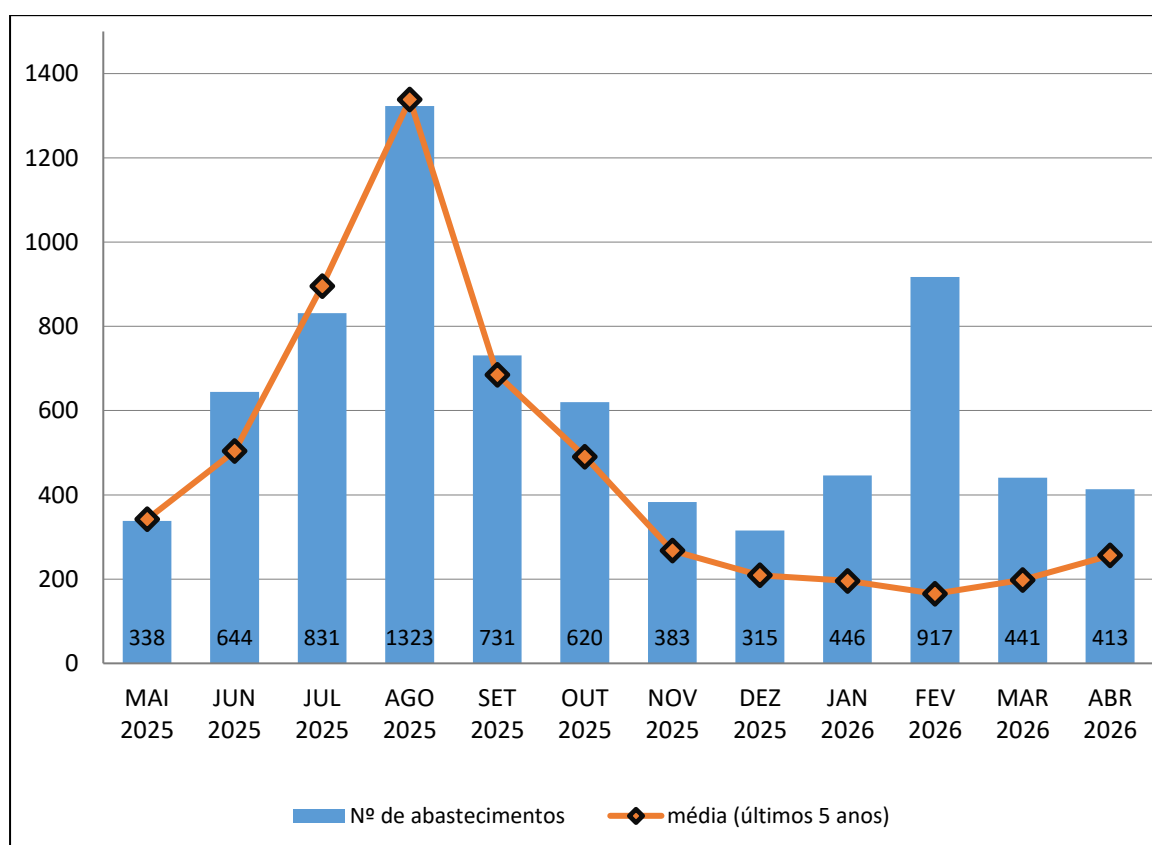


Figura 26 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC)

Numa análise distrital, verifica-se que os distritos de Faro (81), Aveiro (73), Beja (47), Coimbra (41) e Bragança (29) são aqueles que registaram um maior número de abastecimentos mensais efetuados por Corpos de Bombeiros. Importa notar, contudo, que não é possível garantir que todas as operações de abastecimento efetuadas pelos Corpos de Bombeiros têm por finalidade o abastecimento público à população, ou que, tendo esse propósito, tal abastecimento decorra diretamente da situação de seca.

Os municípios que registaram maior número de operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros no mês em causa foram:

- Anadia – 64 abastecimentos;
- Vila do Bispo – 55 abastecimentos
- Odemira – 31 abastecimentos
- Coimbra – 26 abastecimentos
- Mirandela – 20 abastecimentos

7.2 Abastecimento público

Neste capítulo pretende-se apresentar o ponto da situação mensal e a evolução entre 2023 e 2026, relativo aos volumes armazenados nas albufeiras onde as empresas do grupo Águas de Portugal captam água para abastecimento público, constando ainda:

- Identificação das albufeiras vulneráveis.
- Avaliação dos volumes totais armazenados por empresa face ao histórico.
- Avaliação dos volumes armazenados totais e úteis, por albufeira, relativos ao mês de abril de 2026.

Nas tabelas e figura seguintes sintetizam-se a informação compilada e analisada.

Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 30/04/2026 (Fonte: AdP)

Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, vários usos	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, vários usos.	Albufeiras no limiar dos 40%, mas que poderão ter problemas com a qualidade de água ou importa manter sob vigilância
Alvão Cimeira - 18,06%	-	-	-	-
Alvão Cimeira - 9,77%	-	-	-	-

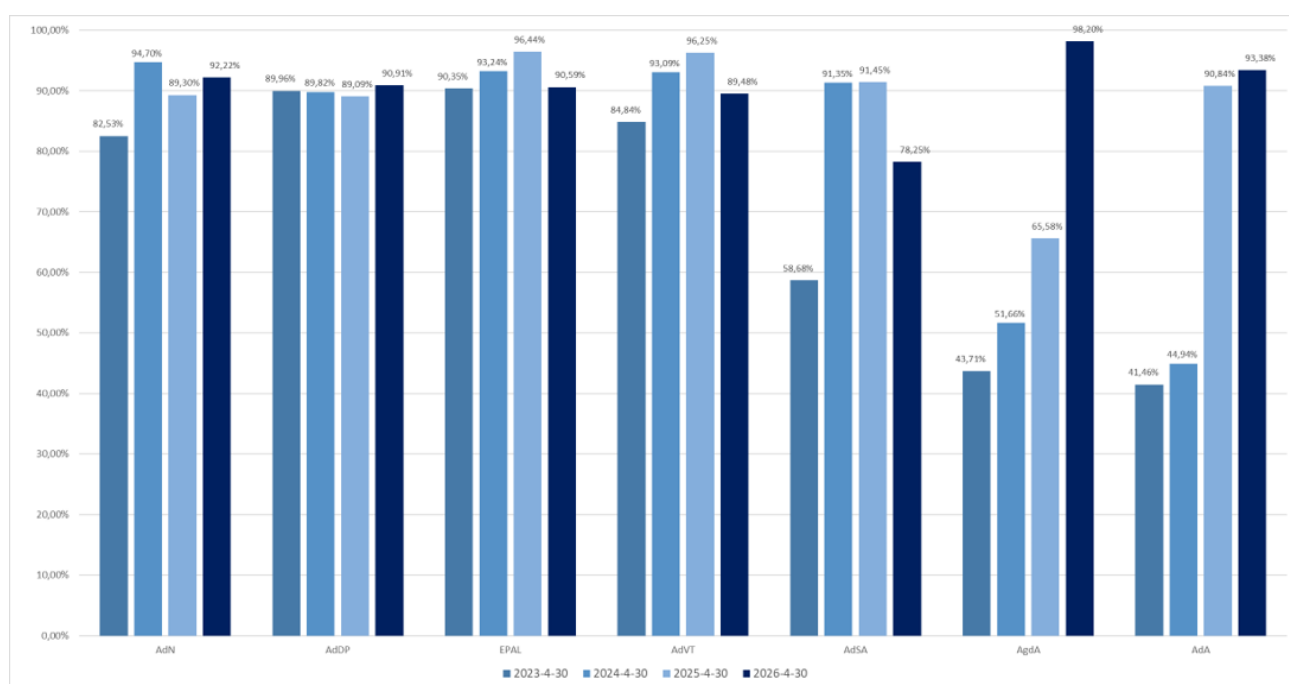


Figura 27 - Volume total armazenado (valores médios) a 30/04 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2023 e 2026 (Fonte: AdP)

**Tabela 7 - Ponto de situação, a 30/04, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público:
volumen total armazenado (hm³ e %) (comparação entre 2023 e 2026) (Fonte: AdP).**

Empresa	Aproveitamento Hidráulico	Bacia Hidrográfica	30 abril							
			2023		2024		2025		2026	
			hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%
AdN	Alijó (Vila Chã)	Douro	1,74	100,09%	1,74	100,18%	1,74	100,18%	1,76	100,98%
	Alto Rabagão	Cávado	451,74	79,43%	554,04	97,42%	489,00	85,98%	537,00	94,42%
	Alvão-Cimeira	Douro	1,43	98,05%	1,42	97,51%	1,45	99,82%	0,26	18,06%
	Alvão-Fundeira	Douro	0,13	100,00%	0,13	100,00%	0,13	99,77%	0,01	9,77%
	Arcossó	Douro	4,80	98,42%	4,88	100,00%	4,88	100,00%	4,88	100,00%
	Arroio	Douro	0,15	99,12%	0,15	99,71%	0,15	100,30%	0,15	100,00%
	Azibo	Douro	50,91	93,47%	50,91	93,47%	51,66	94,84%	51,27	94,12%
	Camba	Douro	1,11	100,00%	1,12	100,60%	1,05	94,95%	1,11	100,00%
	Ferradosa	Douro	0,71	99,89%	0,71	100,00%	0,72	100,10%	0,72	100,21%
	Lumiares (Armamar)	Douro	2,49	85,78%	2,90	100,17%	2,76	95,03%	2,90	100,17%
	Olgas	Douro	0,94	100,00%	0,94	100,00%	0,94	99,99%	0,94	99,76%
	Palameiro	Douro	0,24	100,78%	0,24	100,96%	0,24	100,96%	0,24	100,96%
	Peneireiro	Douro	0,56	72,49%	0,70	90,69%	0,73	95,02%	0,66	86,28%
	Pinhão	Douro	4,26	100,47%	4,27	100,61%	4,27	100,61%	4,25	100,17%
	Pretarouca	Douro	3,90	121,18%	3,47	107,89%	3,11	96,71%	3,56	110,73%
	Queimadela	Ave	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%
	Salgueiral	Douro	0,12	94,30%	0,13	97,14%	0,13	99,05%	0,12	94,31%
	Sambade	Douro	1,16	99,74%	1,16	100,31%	1,16	100,41%	1,16	100,10%
	Serra Serrada	Douro	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,00%
	Sordo	Douro	0,89	89,49%	0,72	71,75%	0,97	97,17%	0,97	97,37%
	Touvedo	Lima	12,17	78,52%	14,61	94,26%	12,30	79,35%	13,30	85,81%
	Vale Ferreiros	Douro	1,10	91,99%	1,14	95,10%	1,14	94,71%	1,20	99,79%
	Valtorno-Mourão	Douro	1,12	100,09%	1,12	100,09%	1,11	99,21%	1,12	100,00%
Veiguinhas	Douro	3,79	102,35%	3,77	101,87%	3,79	102,46%	3,74	101,08%	
Venda Nova	Cávado	81,57	86,32%	73,60	77,89%	89,64	94,86%	72,09	76,28%	
Vilar	Douro	86,13	86,34%	94,83	95,07%	98,80	99,05%	93,80	94,04%	
AdDP	Crestuma-Lever	Douro	98,96	89,96%	98,80	89,82%	98,00	89,09%	100,00	90,91%
EPAL	Castelo de Bode	Tejo	989,30	90,35%	1021,00	93,24%	1056,00	96,44%	992,00	90,59%
AdVT	Apartadura	Tejo	6,86	91,95%	7,45	99,81%	7,47	100,00%	7,43	99,49%
	Cabril	Tejo	590,78	82,05%	670,00	93,06%	701,00	97,36%	641,00	89,03%
	Caia	Guadiana	180,92	89,12%	188,35	92,78%	194,06	95,60%	178,26	87,81%
	Caldeirão	Mondego	5,19	94,02%	4,06	73,59%	5,34	96,74%	5,15	93,28%
	Capinha	Tejo	0,49	97,60%	0,50	100,00%	0,50	100,00%	0,50	100,00%
	Corgas	Tejo	0,30	56,68%	0,48	73,15%	0,33	62,48%	0,52	100,00%
	Fumadinha	Vouga	0,29	100,00%	0,29	100,00%	0,29	100,00%	0,29	100,00%
	Marateca (St.* Águeda)	Tejo	36,23	97,38%	37,20	100,00%	37,20	100,00%	36,48	98,05%
	Meimôa	Tejo	32,88	84,32%	37,85	97,06%	32,92	84,42%	31,94	81,90%
	Monte Novo	Guadiana	13,82	90,47%	14,14	92,54%	12,71	83,17%	13,99	91,59%
	Penha Garcia	Tejo	1,06	99,06%	1,08	101,52%	1,05	98,30%	1,07	100,00%
	Pisco	Tejo	1,20	100,00%	1,20	85,64%	1,05	87,33%	1,21	100,74%
	Póvoa e Meadas	Tejo	10,00	51,81%	11,68	60,53%	12,07	62,56%	11,45	59,34%
	Ranhados	Douro	2,88	100,00%	2,88	100,00%	2,88	100,00%	2,88	100,00%
	Sabugal	Douro	105,49	92,29%	114,30	100,00%	114,30	100,00%	114,30	100,00%
	Santa Luzia	Tejo	43,70	81,39%	46,93	87,40%	50,40	93,85%	44,14	82,20%
Vascoveiro	Douro	3,17	100,12%	3,17	100,12%	3,17	100,12%	3,17	100,12%	
Vigia	Guadiana	16,73	100,00%	12,69	75,86%	16,73	100,00%	15,68	93,73%	
AdSA	Morgavel	Ribeiras do Alentejo	19,07	58,68%	29,69	91,35%	29,72	91,45%	25,43	78,25%
AgdA	Alvito	Sado	120,76	91,14%	124,37	93,86%	120,11	90,65%	127,34	96,10%
	Enxoé	Guadiana	9,62	79,48%	9,64	92,68%	12,10	100,00%	12,12	100,18%
	Monte Clérigo	Guadiana	0,14	35,32%	0,15	37,06%	0,33	81,02%	0,38	92,85%
	Monte da Rocha	Sado	10,36	10,08%	22,68	22,07%	39,79	38,72%	100,66	97,95%
	Roxo	Sado	43,47	45,14%	66,69	69,24%	85,67	88,95%	93,16	96,73%
Santa Clara	Mira	177,28	36,55%	203,92	42,04%	284,64	58,69%	478,85	98,73%	
AdA	Beliche	Guadiana	21,81	45,44%	20,24	42,18%	44,52	92,75%	44,52	92,75%
	Bravura	Ribeiras do Algarve	4,65	13,34%	7,88	22,62%	21,20	60,86%	34,85	100,08%
	Odeleite	Guadiana	69,19	53,22%	65,04	50,03%	126,44	97,26%	126,44	97,26%
	Odelouca	Arade	57,70	36,75%	73,05	46,53%	143,78	91,58%	139,52	88,87%

Nas figuras seguintes apresentam-se os volumes armazenados totais e úteis por albufeira relativo ao mês de abril de 2026, bem como a respetiva capacidade de armazenamento.

No quadro seguinte sistematizam-se as situações consideradas como “Prioritárias” ou “Em vigilância” bem como as respetivas medidas, à data de 30 de abril de 2026.

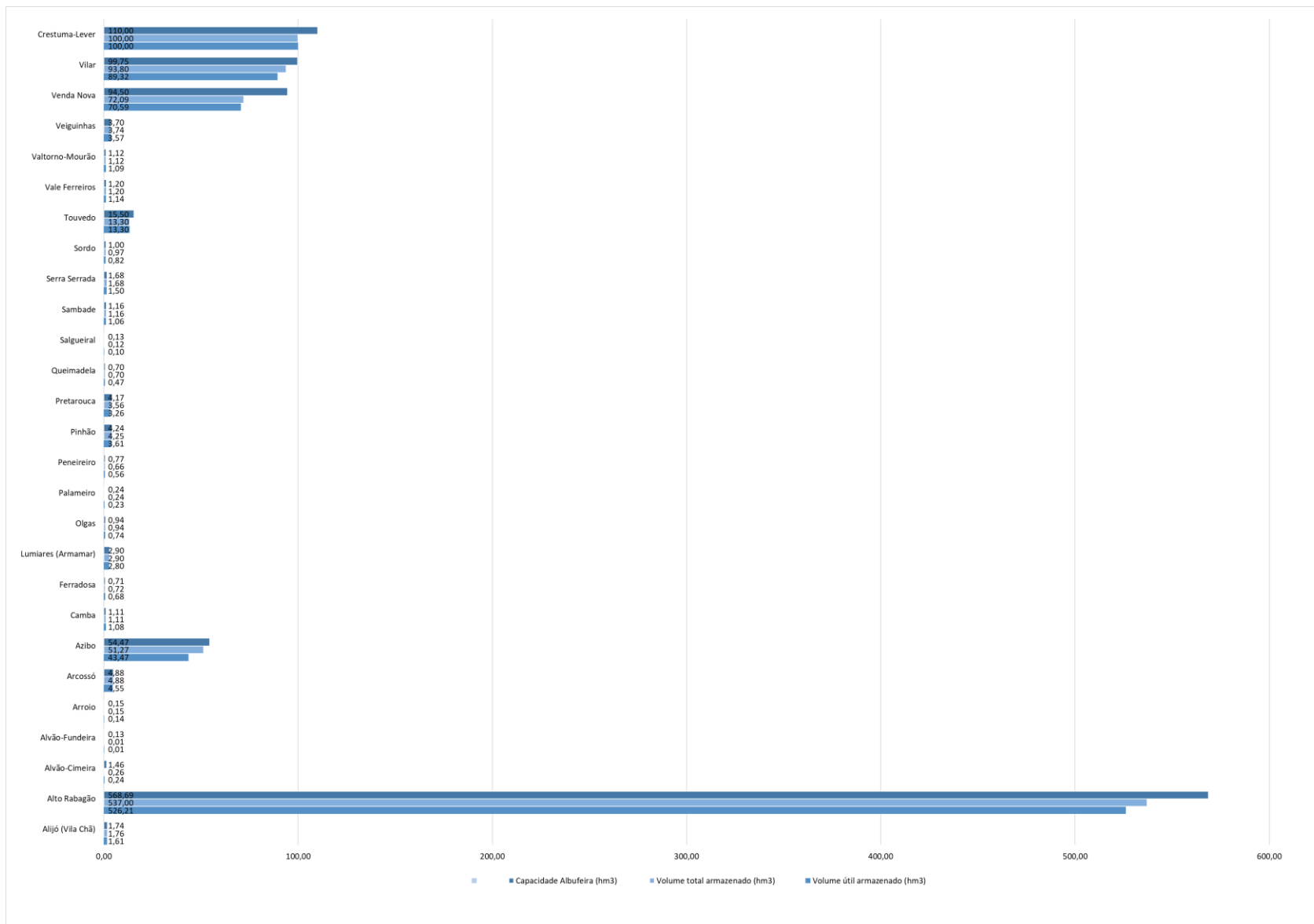


Figura 28 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 30/04/2026 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).

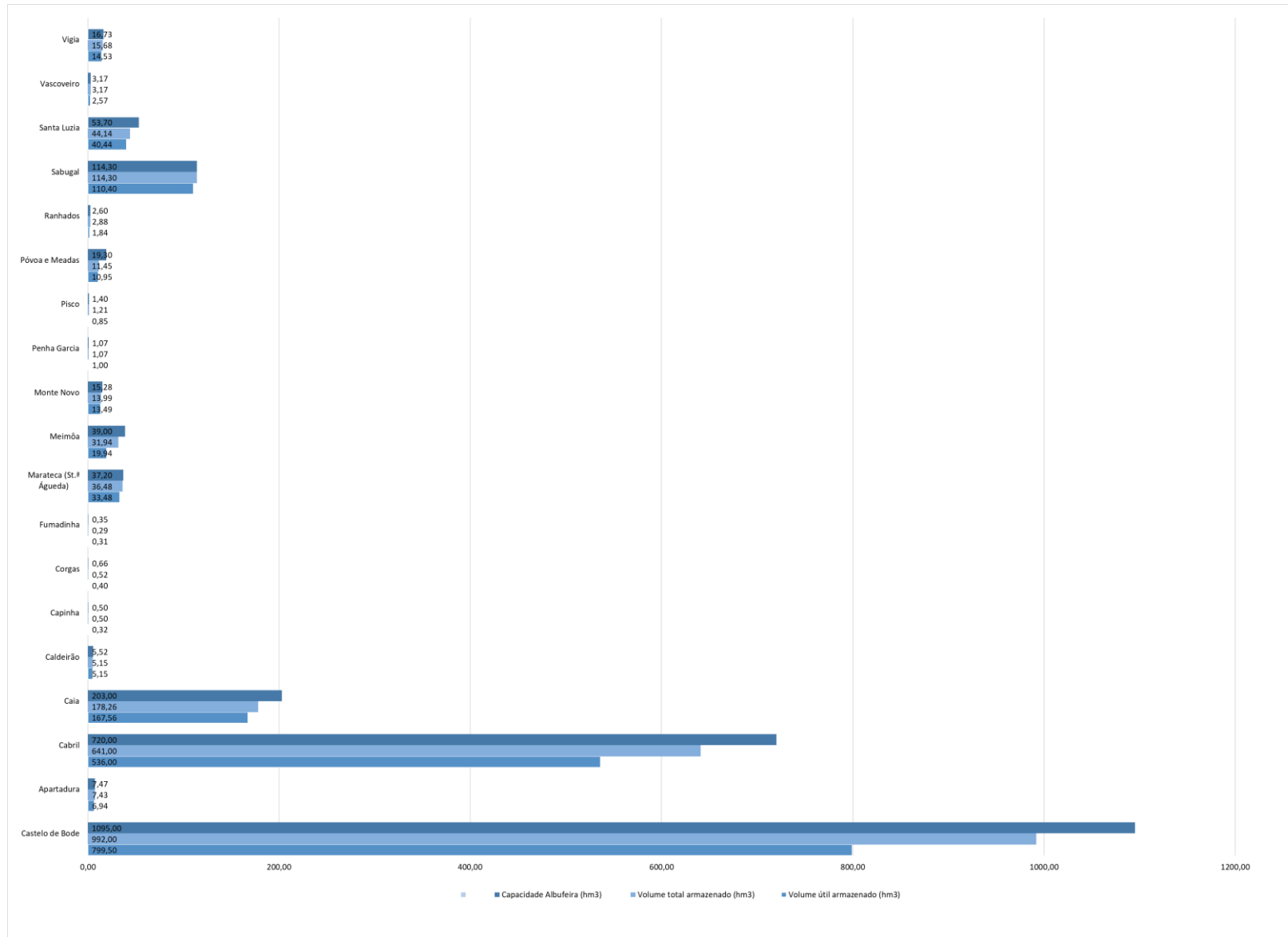


Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 30/04/2026 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).

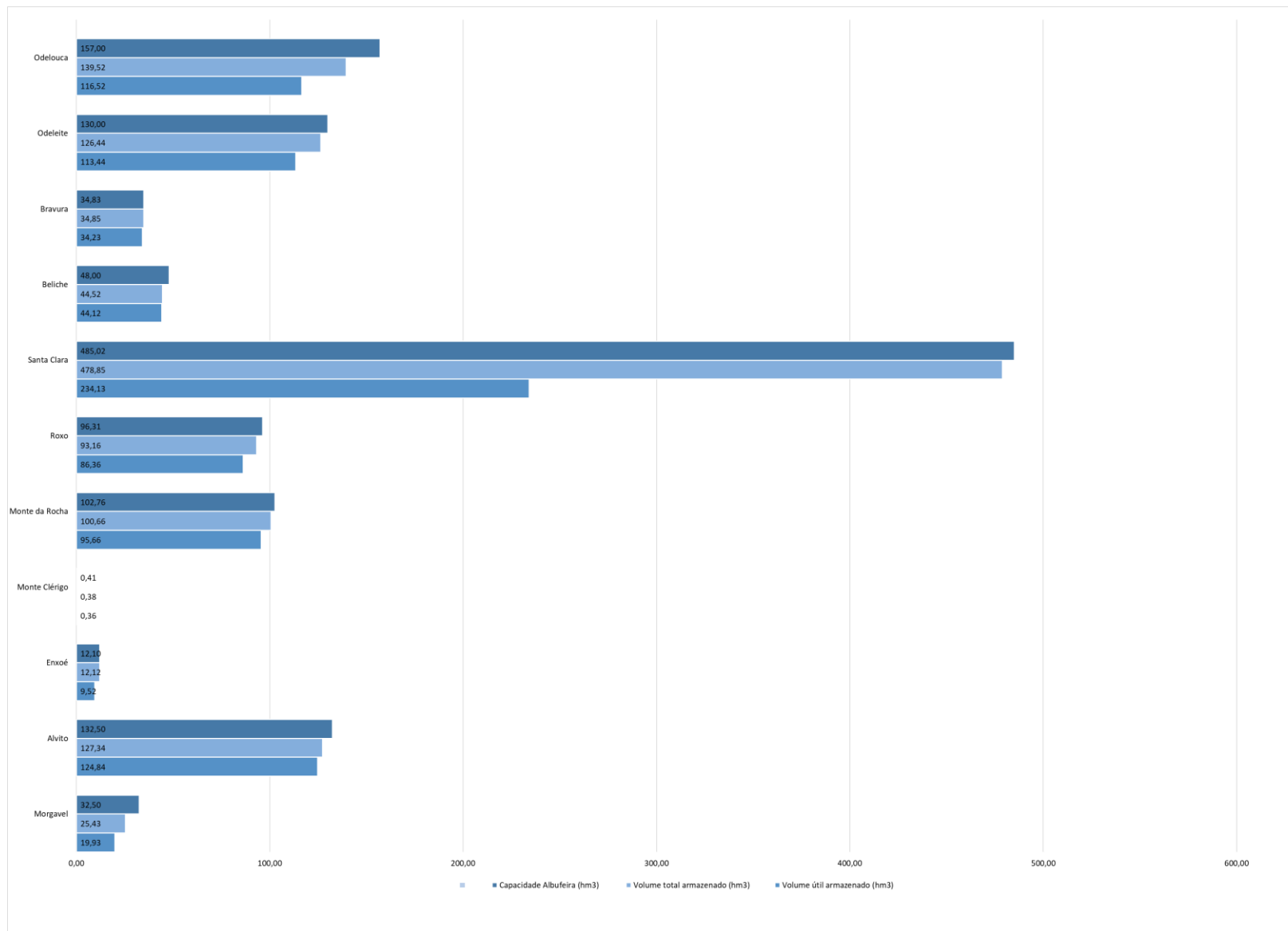


Figura 30- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 30/04/2026 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP).

Tabela 8 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas do Centro Litoral	30/04/2026	Ribeira de Alge	Ansião, Figueiró dos Vinhos, Penela	Drenos de captação	Monitorização permanente do nível do poço de captação. Verificou-se, desde o final da semana de 11-15 julho de 2022, uma redução substancial do volume de água na Ribeira de Alge e um conseqüente abaixamento do nível do poço de captação.	Em vigilância	●	Tendo como objetivo a avaliação da possibilidade de recurso a águas subterrâneas, como alternativa/reforço das atuais captações sub superficiais, vai ser desenvolvido um estudo hidrogeológico. Aprovado em reunião de CA de 10-09-2024 o início de um procedimento administrativo de Ajuste Direto pelo Setor Especial para a contratação deste estudo à empresa Waterways, estando o mesmo já em curso.	Não	Por concretizar
Águas do Centro Litoral	30/04/2026	Mosteiro de Folques	Arganil	Drenos de captação	Integração nas infraestruturas do Sistema Multimunicipal da captação e ETA municipais de Folques, destinada a aumentar a resiliência do subsistema	Em vigilância	●	"Proceder à avaliação funcional das infraestruturas para avaliar a oportunidade da manifestação junto do município do interesse na integração no Sistema Multimunicipal. Em contatos estabelecidos com o Município de Arganil, a AdCL manifestou interesse na integração da infraestrutura municipal no Sistema Multimunicipal, estando em curso a preparação documental necessária á formalização do acordo/protocolo a estabelecer entre as partes.	Não	Em fase estudo/projeto
Águas Públicas do Alentejo	30/04/2026	Monte Clérigo-Rabaça	Almodôvar	Origens subterrâneas	Perda de produtividade de origem complementar à captação na albufeira de Monte Clérigo.	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	30/04/2026	Mata de Valverde	Alcácer do Sal	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	30/04/2026	Campo Redondo	Odemira	Origens subterrâneas	Conjugação de perda de produtividade da origem com captações elevadas	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Não	

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas Públicas do Alentejo	30/04/2026	Santa Clara	Odemira	Albufeira	Preocupações com garantias do abastecimento público em cenários de fortes restrições no fornecimento para a agricultura.	Em vigilância	●	'Definição pela APA do regime de exploração da albufeira, incluindo a definição da cota mínima de captação. Implementação de medidas previstas e financiadas pelo setor da agricultura (e.g. construção de nova captação, redução das perdas nos canais de rega, aumento da capacidade de reserva). Plano para aumento da sustentabilidade dos usos na bacia hidrográfica do Mira. Compromissos - Acordo H2O	Sim	Por concretizar
Águas Públicas do Alentejo	30/04/2026	Monte da Rocha	Almodôvar Castro Verde Ourique Odemira (9 localidades) Mértola (7 localidades)	Albufeira	Volume armazenado 24,243 hm3 (Volume útil 19,243 hm3). Necessidades anuais para abastecimento público 1,50 hm3 (deverá ser salvaguardado o volume de 1,50 hm3 + taxa de evaporação + infiltrações)	Em vigilância	●	Ligação EFMA-Monte da Rocha. Reforço de campanhas de sensibilização. Levantamento das origens alternativas de abastecimento, incluindo reativação de instalações e avaliação das necessidades para a respetiva operação. Agendamento reunião ARBCAS e municípios. Revisão do portfolio de medidas implementadas/ a implementar (captação, ETA, adução, distribuição, outras).	Sim	Em Execução
30/04/2026	Monte Clérigo	Almodôvar	Albufeira	Origem que complementa Monte da Rocha. Volume armazenado disponível de 389 000 m3. Necessidades anuais para abastecimento público 186 702 m3.	Em vigilância	●	Licenciamento da captação e integração da barragem no futuro contrato de concessão	Sim	Por concretizar	30/04/2026

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
30/04/2026	Monte Clérigo	Almodôvar	Albufeira	Origem que complementa Monte da Rocha. Volume armazenado disponível de 389 000 m3. Necessidades anuais para abastecimento público 186 702 m3.	Em vigilância	●	Licenciamento da captação e integração da barragem no futuro contrato de concessão	Sim	Por concretizar	
30/04/2026	Monte Clérigo	Almodôvar	Albufeira	Origem que complementa Monte da Rocha. Volume armazenado disponível de 389 000 m3. Necessidades anuais para abastecimento público 186 702 m3.	Em vigilância	●	Licenciamento da captação e integração da barragem no futuro contrato de concessão	Sim	Por concretizar	

7.3 Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão

Os volumes globais transferidos a partir de Alqueva e Pedrogão para perímetros e aproveitamentos confinantes, estão apresentados na Tabela 9 Tabela 9, e na Tabela

Figura 31, são apresentados os pontos de medição.

Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/05/2026 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Cota (m)	NPA (m)	Volume total albufeira (hm ³)	Volume útil albufeira (hm ³)	Volume armazenado (hm ³)	Volume morto (hm ³)	Volume útil armazenado (hm ³)	Percentagem volume útil (%)
1- Alqueva	151,52	152,00	4150,00	3117,00	3968,34	1033,0	2935,3	94,2
2 - Alvito	197,00	197,50	132,50	130,00	127,33	2,50	124,8	96,0
3 - Brinches	134,08	135,00	11,00	9,67	9,94	1,33	8,6	89,1
4 - Amoreira	134,34	135,00	10,69	8,99	9,82	1,7	8,1	90,3
5 - Pisão	154,54	155,00	8,20	6,66	7,13	1,5	5,6	83,9
6 - S. Pedro	142,30	142,50	10,83	8,55	8,19	2,28	5,9	69,1
7 - Serpa	123,16	123,50	10,20	9,90	8,07	0,3	7,8	78,5
8 - Loureiro	221,61	222,00	6,98	2,48	6,65	4,50	2,2	87,0
9 - Penedrão	167,35	170,0	5,2	3,60	3,30	1,6	1,7	47,2

Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/05/2026 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-------

A - Odivelas	0,032	0,000	0,000	0,000										0,032
B - Roxo*	0,160	1,255	0,000	0,000										1,415
C - Vale do Gaio	0,000	0,000	0,000	0,000										0,000
D - Enxoé	0,235	0,210	0,230	0,251										0,925
E - Magra	0,160	0,152	0,165	0,174										0,653
F - Morgavel	0,000	0,000	0,000	0,000										0,000
G - Fonte Serne	0,000	0,000	0,000	0,000										0,000
H -Monte Novo	0,000	0,000	0,000	0,000										0,000
I - Alto-Sado	0,000	0,000	0,027	0,056										0,083
J -Guadiana- Álamos	0,000	0,000	0,000	9,081										9,081
K - Ardila	0,166	0,000	0,011	0,926										1,103
L - Pedrógão MD	0,145	0,024	0,392	5,809										6,370
M - Loureiro- Alvito	0,150	0,000	0,000	4,003										4,153
N- Vigia	0,153	0,000	0,000	0,241										0,394

*Inclui consumos clientes EDIA, ARBCAS e ADSA

Tabela 11 - Volumes totais elevados (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/04/2026 (Fonte: EDIA)

Volumes Elevados	(hm ³)
Subsistema	Total
Alqueva	9,081
Ardila	1,103
Pedrogão	6,370

Aspetos mais relevantes a sinalizar:

- i) Fruto do período de elevada pluviosidade anterior e dos caudais verificados em consequência, Alqueva tem estado muito próximo do seu pleno armazenamento e estava à data à cota (151,52), correspondendo a um volume total e útil de, respetivamente, 3968 e 2935 hm³ e a 94,2% do volume útil da sua albufeira.
- ii) A barragem do Alvito tem estado também perto do seu NPA, estando à cota (197,00) e sendo o seu NPA a (197,50).
- iii) As outras albufeiras do EFMA têm estado e mantêm -se muito perto do seu NPA, a menos do Penedrão que está à cota (167,35), sendo o seu NPA a (170,00).
- iv) Não houve necessidade de transferências significativas.

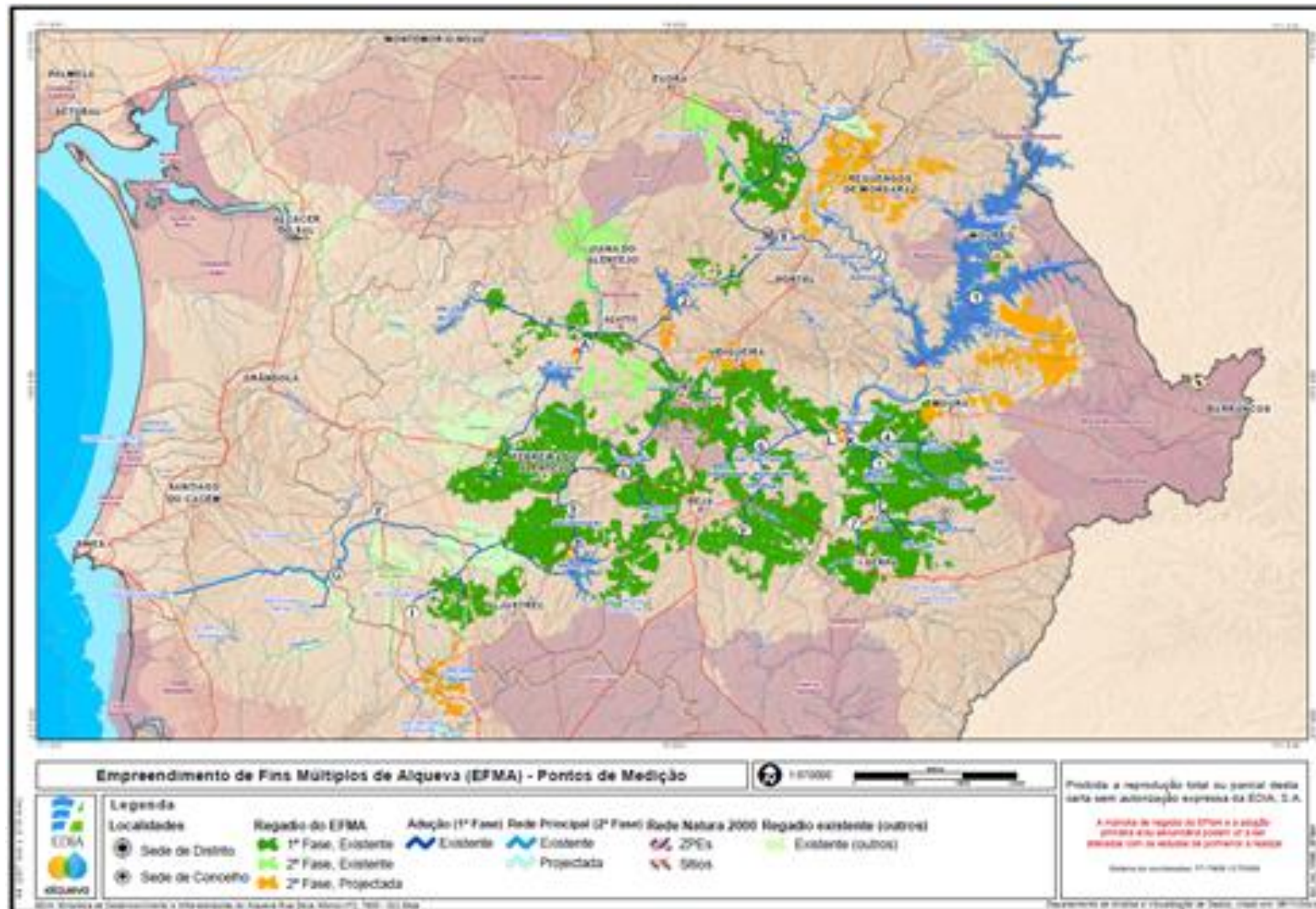


Figura 31 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão

ANEXOS

Anexo I

Atualização dos níveis de seca hidrológica

Os níveis de seca hidrológica propostos no Plano de Prevenção e Mitigação dos Efeitos da Seca foram definidos tendo por base as séries de dados de volumes armazenados por bacia hidrográfica, considerando o período entre 1992/93 e 2019/20. Contudo, as atuais condições das reservas hídricas superficiais não são as mesmas:

- Na última década tem-se observado um aumento da frequência de períodos de seca e uma ausência de anos húmidos;
 - Os padrões de precipitação têm vindo a alterar-se de forma significativa;
 - Os usos associados às barragens monitorizadas no Boletim de Albufeiras têm vindo a alterar-se;
 - A avaliação dos volumes disponíveis tem de integrar novas barragens, como Baixo Sabor, Ribeiradio, entre outras.

Neste contexto, importa proceder à atualização dos níveis de alerta definidos para cada bacia hidrográfica monitorizada, tendo por base um conjunto de índices, de registos históricos de secas e dos seus impactos nos diversos setores, com particular incidência nos últimos 20 anos, nas secas de 2004/05, 2011/12 e 2016/17.

Importa ter presente que reconhecer uma seca emergente, ou saber se a seca terminou, implica perceber o que é normal para um determinado local ou estação do ano e considerando períodos de tempo o mais longos possível. A compilação de dados sobre os impactos nos diversos setores assume enorme relevância na avaliação da situação de seca.

A análise dos períodos de seca hidrológica por bacia hidrográfica começou pela aplicação de um índice que permite avaliar o volume de água disponível nas albufeiras, *Drought State Index for Reservoirs (DSIR)*. Este índice aplicado às séries de volume armazenado mensal, por bacia hidrográfica, permite avaliar em cada mês o nível de seca, quando comparado na série total.

$$DSIR = \frac{1}{2} * [1 + (Vi - Vav)/(Vmax - Vmin)], \text{ se } Vi \geq Vav$$

$$DSIR = \frac{1}{2} * (Vi - Vmin)/(Vav - Vmin), \text{ se } Vi < Vav$$

Em que V_i – volume armazenado no mês i ; V_{av} – volume armazenado médio; V_{max} – volume armazenado máximo e V_{min} – volume armazenado mínimo

Procedeu-se ainda ao cálculo dos percentis 5 até 75, para a série histórica de cada mês do ano hidrológico, considerando períodos de tempo o mais longos possível. No caso das bacias hidrográficas do Guadiana e do Arade foi considerado um período de análise mais curto, tendo em conta a entrada em funcionamento das barragens de Alqueva e Odelouca, respetivamente. A bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve Sotavento, que tem ligação ao sistema Odeleite-Beliche, foi avaliada tendo em conta os volumes deste sistema. A bacia hidrográfica do Vouga não tem ainda associado níveis de alerta por ter uma série de dados que ainda não é estatisticamente representativa, será por isso apenas avaliada relativamente à média.

A informação estatística foi correlacionada com os impactos das secas nas últimas duas décadas, o que conduziu às classes de seca hidrológica constantes da Tabela 12.

Tabela 12 - Classes de seca hidrológica (Fonte: APA)

Nível de seca hidrológica	Percentis	Potenciais Impactos
Normal]P50; P75]	Situação normal correspondente a um ano médio
Seca fraca]P25; P50]	Possível início de seca - Seca de curto prazo com possíveis impactes ambientais, no cultivo e no crescimento de culturas ou pastagens. Possível seca de curta duração. Implementar medidas preventivas de poupança volumes de água captados, para evitar agravamento em caso de aumento da severidade da seca. Garantir caudais ecológicos.
Seca moderada]P10; P25]	Alguns impactes nas culturas, pastagens, diminuição dos caudais nos rios, nos volumes armazenado nas albufeiras, diminuição das reservas subterrâneas, com alguns impactes ambientais e sociais. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Avaliar densidade piscícola nas albufeiras mais afetadas. Reduzir os volumes captados para usos não essenciais. A situação de seca pode continuar a agravar.
Seca severa]P5;P10]	Perdas em culturas ou pastagens. Impactes significativos no ambiente e sociais. Redução das disponibilidades pode obrigar a impor restrições aos usos. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Reduzir os volumes captados para usos não essenciais.
Seca extrema	<=P5	Grandes perdas em culturas/pastagens. Redução muito significativa das disponibilidades de água com necessidade de impor restrições generalizadas de água. Pode ocorrer proibição de usos não essenciais (enchimentos de piscinas, rega de jardins com água da rede, ..) Forte impacte ambiental.

A metodologia descrita é aplicada a cada mês do ano permitindo desta forma definir níveis de alerta mensais. Assim é possível o monitorizar em contínuo do estado das reservas hídricas superficiais, por bacia hidrográfica, antecipar possíveis situações de seca e implementar medidas de prevenção de seca.

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO LIMA**

Bacia do Lima												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	29.9%	29.0%	29.7%	30.0%	35.3%	38.0%	51.7%	58.8%	56.0%	49.7%	46.3%	33.9%
P10	34.9%	30.5%	33.4%	37.5%	38.7%	46.0%	58.5%	63.8%	59.5%	53.5%	47.9%	40.4%
P25	41.6%	39.6%	51.7%	52.0%	53.3%	66.6%	72.4%	69.1%	65.8%	57.8%	52.2%	44.9%
P50	53.1%	58.1%	62.3%	63.9%	68.7%	73.5%	80.1%	81.7%	77.8%	67.5%	58.8%	52.3%
P75	60.5%	70.0%	70.9%	81.0%	77.5%	83.3%	87.4%	87.2%	82.2%	73.4%	66.4%	61.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO CÁVADO**

Bacia do Cávado												
Percentis	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set

P5	51.5%	48.3%	52.2%	51.0%	48.8%	50.2%	54.3%	58.5%	57.3%	52.8%	50.2%	49.7%
P10	52.1%	51.3%	55.9%	53.7%	51.3%	51.8%	56.7%	60.7%	58.5%	56.3%	54.1%	51.5%
P25	53.5%	59.7%	57.6%	58.8%	61.6%	65.8%	66.9%	69.5%	65.9%	60.6%	57.8%	54.7%
P50	59.0%	62.9%	66.3%	70.3%	72.0%	71.1%	76.3%	76.1%	72.3%	68.4%	64.6%	61.6%
P75	66.9%	69.2%	75.3%	82.2%	84.2%	83.8%	85.7%	82.0%	77.2%	73.1%	68.4%	66.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO AVE**

Bacia hidrográfica do Ave												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	32.6%	26.5%	37.9%	43.5%	45.7%	47.7%	59.5%	56.6%	40.7%	36.5%	30.3%	30.4%
P10	35.9%	35.3%	46.6%	49.9%	50.3%	52.3%	61.0%	59.8%	50.3%	47.2%	38.7%	32.6%
P25	42.1%	43.6%	54.7%	56.8%	62.1%	59.4%	65.8%	68.7%	59.8%	55.4%	45.7%	39.6%
P50	52.4%	64.3%	65.7%	75.8%	70.0%	71.7%	78.0%	78.6%	68.7%	61.7%	53.5%	48.0%
P75	66.2%	79.5%	97.0%	91.7%	93.5%	84.5%	88.8%	86.8%	76.4%	70.1%	64.5%	56.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO**

Bacia hidrográfica do Douro												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50.4%	49.3%	53.9%	54.8%	55.1%	57.2%	57.2%	57.6%	57.6%	54.7%	52.5%	51.4%
P10	51.9%	52.7%	55.1%	55.3%	57.0%	58.5%	58.1%	62.8%	60.3%	57.2%	54.3%	53.6%
P25	56.7%	57.2%	58.0%	59.1%	61.3%	67.0%	70.5%	68.4%	66.2%	62.6%	59.4%	57.7%
P50	61.4%	60.0%	65.1%	68.0%	72.4%	74.3%	78.1%	74.9%	73.0%	68.8%	64.7%	61.6%
P75	63.1%	65.8%	71.3%	82.5%	80.5%	83.0%	80.7%	81.8%	77.2%	73.9%	71.2%	64.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MONDEGO**

Bacia Hidrográfica do Mondego												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	54.3%	56.2%	57.3%	62.0%	66.6%	70.0%	80.0%	83.3%	78.6%	70.7%	61.2%	56.0%
P10	56.5%	58.1%	60.1%	62.7%	66.9%	71.0%	80.9%	85.1%	80.4%	71.7%	63.3%	57.2%
P25	59.0%	64.1%	64.8%	66.6%	69.8%	73.4%	83.3%	86.7%	83.5%	74.0%	65.6%	60.6%
P50	61.9%	67.6%	70.3%	69.6%	72.5%	79.1%	89.3%	89.6%	87.8%	78.5%	67.3%	62.5%
P75	67.5%	72.4%	75.1%	77.0%	77.2%	81.0%	92.5%	92.2%	89.8%	81.9%	71.7%	63.4%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO**

Bacia hidrográfica do Tejo												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50%	56%	56%	54%	53%	58%	61%	63%	61%	57%	54%	50%
P10	54%	56%	57%	58%	58%	64%	65%	68%	66%	62%	58%	56%

P25	58%	59%	62%	64%	67%	74%	77%	76%	72%	67%	62%	59%
P50	63%	63%	72%	79%	82%	81%	83%	83%	80%	73%	67%	64%
P75	66%	68%	84%	89%	88%	87%	90%	88%	84%	76%	71%	68%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO OESTE**

Bacia Hidrográfica das Ribeiras do Oeste												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	22.1%	25.1%	33.1%	36.1%	36.7%	36.4%	34.0%	31.8%	28.8%	26.6%	22.2%	21.0%
P10	26.3%	32.6%	38.9%	38.0%	38.9%	39.8%	39.7%	41.4%	36.7%	32.6%	28.9%	27.0%
P25	40.5%	43.2%	48.6%	52.1%	52.1%	51.3%	55.4%	54.7%	51.4%	48.2%	44.9%	42.3%
P50	49.7%	54.2%	56.9%	61.1%	67.7%	68.8%	67.1%	68.7%	66.0%	61.6%	57.1%	52.7%
P75	65.3%	67.7%	74.6%	82.1%	86.1%	86.7%	87.8%	83.6%	78.8%	73.9%	69.5%	66.3%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO SADO**

Bacia hidrográfica do Sado												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	18.6%	19.0%	25.3%	27.4%	29.7%	36.2%	38.3%	35.2%	30.3%	24.8%	20.1%	18.2%
P10	21.0%	21.4%	27.9%	30.5%	34.8%	42.1%	43.1%	39.2%	34.8%	29.3%	24.5%	21.8%
P25	31.3%	33.3%	40.0%	41.5%	43.5%	48.2%	49.1%	50.3%	46.6%	39.6%	33.4%	30.3%
P50	40.6%	44.7%	50.8%	63.4%	64.8%	65.4%	66.7%	62.7%	56.3%	48.8%	42.7%	39.3%
P75	56.1%	58.0%	71.1%	73.7%	77.9%	84.8%	85.9%	82.7%	76.9%	69.1%	61.0%	56.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO GUADIANA**

Bacia hidrográfica do Guadiana												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	59.3%	60.1%	64.5%	64.5%	64.9%	67.8%	67.1%	66.3%	64.4%	62.1%	60.6%	59.9%
P10	61.5%	61.8%	64.9%	65.7%	65.3%	69.4%	68.8%	68.0%	66.6%	64.6%	62.1%	61.6%
P25	66.2%	69.4%	74.3%	73.7%	76.2%	75.9%	75.8%	75.3%	73.5%	70.1%	66.6%	65.3%
P50	74.2%	75.5%	76.1%	77.3%	80.0%	81.3%	81.1%	81.3%	78.9%	76.0%	74.5%	74.0%
P75	76.9%	79.2%	83.6%	87.5%	88.8%	89.3%	88.4%	86.4%	83.8%	81.6%	79.2%	78.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MIRA**

Bacia hidrográfica do Mira												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	40.7%	41.2%	42.5%	42.4%	44.8%	44.3%	44.2%	43.3%	41.9%	40.3%	38.8%	37.8%
P10	42.6%	43.0%	48.8%	49.0%	50.3%	51.0%	50.4%	49.2%	47.8%	46.1%	44.2%	42.8%

Bacia hidrográfica do Mira												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P25	55.5%	59.2%	59.4%	61.8%	63.3%	67.2%	66.9%	65.2%	62.9%	60.3%	57.7%	55.9%
P50	71.0%	71.6%	73.2%	77.9%	77.3%	78.1%	80.5%	80.4%	77.9%	74.9%	72.3%	71.1%
P75	81.7%	81.1%	83.9%	84.9%	87.7%	88.1%	90.8%	89.3%	87.0%	84.2%	81.3%	80.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO ARADE**

Bacia hidrográfica do Arade												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	33.6%	33.6%	38.6%	38.2%	40.3%	38.4%	41.9%	40.7%	38.9%	35.5%	32.0%	29.9%
P10	35.7%	36.6%	40.2%	40.0%	41.4%	45.4%	45.5%	44.5%	42.2%	38.9%	35.6%	33.4%
P25	40.3%	41.0%	48.3%	53.0%	52.4%	52.9%	52.4%	51.4%	48.2%	44.5%	40.8%	39.3%
P50	46.3%	49.1%	54.1%	55.0%	56.8%	60.4%	61.9%	61.1%	57.6%	53.8%	50.1%	47.0%
P75	56.5%	55.0%	55.3%	58.8%	61.6%	72.1%	74.8%	72.2%	68.6%	64.4%	60.3%	57.6%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (BARLAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Barlavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	11.8%	12.7%	18.5%	19.8%	25.7%	25.2%	23.8%	21.8%	19.0%	15.7%	12.2%	10.2%
P10	17.1%	17.0%	29.9%	31.2%	32.9%	32.5%	32.7%	31.1%	28.5%	23.7%	18.8%	15.1%
P25	37.9%	45.6%	48.7%	58.0%	59.9%	61.2%	61.9%	57.6%	52.6%	46.4%	40.9%	36.8%
P50	60.1%	60.1%	68.9%	72.5%	78.8%	81.2%	80.6%	79.9%	75.5%	69.6%	64.0%	60.0%
P75	70.3%	70.9%	81.3%	91.7%	97.0%	97.3%	97.1%	93.0%	87.8%	80.7%	74.0%	70.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (SOTAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Sotavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	31.0%	39.1%	43.5%	44.8%	45.0%	44.6%	46.0%	45.5%	42.9%	38.6%	33.7%	29.5%
P10	36.2%	44.7%	47.9%	49.3%	47.8%	46.7%	47.7%	51.2%	48.7%	45.9%	43.0%	39.6%
P25	46.5%	51.4%	63.4%	63.9%	67.2%	71.2%	69.4%	65.5%	61.0%	55.6%	50.4%	48.7%
P50	66.2%	69.1%	71.9%	74.9%	78.0%	82.0%	82.1%	82.8%	78.8%	74.7%	71.2%	68.5%
P75	76.5%	74.6%	76.7%	77.7%	87.0%	89.8%	89.7%	92.4%	88.3%	83.1%	78.4%	74.3%

Anexo II

Varição da Área Cultivada em relação à campanha anterior (%) Campanha 2025/26

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras					
Milho			+5 a +10		
Sorgo					
Aveia		-50 a 0			
Azevém		-25 a 0			
Centeio		-50 a 0			
Consociações					
Leguminosas		-10 a +10			
Prados temporários		0-10 a +10			
Pastagens permanentes					
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole		-7 a 0			
Trigo duro					
Triticale		-5 a +20			
Aveia		-17 a +49			
Centeio		-10 a +9			
Cevada	-18 a +11	-50 a 0	-85 a -22	-70 a -60	0
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz		0	0		
Batata Sequeiro	-2 a 0	0 a +20	-65	a)	0
Batata Regadio	-9 a 0	-20 a 0	-50 a -25	0	0
Feijão					
Girassol		0	-50 a +60		
Grão-de-Bico		0	-65 a +100	0	-5
Milho de Regadio					
Milho de Sequeiro		-20 a 0			-10
Melão			0	0	
Tomate para Indústria		0	0		

a) Ainda não é possível estimar

b) Área retificada

Anexo III

Varição da Produtividade/Produção* em relação à campanha anterior (%) Campanha 2025/2026

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras:					
Aveia		-60 a +15*			
Azevém		-40 a +20*			
Centeio		-50 a +5*			
Consociações					
Milho					
Sorgo					
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole	-10 a 0	-30 a +15	-10	-40 a -35	-10 a -5
Trigo duro			-10	-40 a -35	-10 a -5
Triticale	-2 a +90	-50 a 0	-5 a 0	-40 a -35	-10 a -5
Centeio	-10 a +8	-50 a +5	a)		-5 a 0
Cevada		-50 a +10	-20 a -10	-40 a -35	0
Aveia	-20 a +40	-20 a +15	0	-40 a -35	-5 a 0
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro	-20 a +5				
Batata Regadio	-16 a 0				
Feijão					
Milho de Regadio					
Milho Sequeiro	-5 a +8				
Grão-de-Bico	-14 a +4				
Melão					
Tomate para Indústria					
Girassol					
Culturas Permanentes					
Alfarroba					
Amêndoa					
Avelã					
Azeitona de Mesa					
Azeitona de Azeite					
Cereja	0 a +938	-50 a +200	+10	0	0
Castanha					
Kiwi					
Mirtilo					
Laranja					-5*
Maçã					
Noz					
Pêssego					
Pera					
Figo					
Uva de Mesa					
Uva para Vinho					

* - Produção

a) Ainda não é possível estimar

